



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE ARTES – IARTES**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

**Prof-Artes**  
Mestrado Profissional em Artes



**FÁBIA MACHADO OLIVEIRA**

**O BORDADO COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE:**

**Uma ação educativa em Artes Visuais para o 6º ano do Ensino  
Fundamental II**

**UBERLÂNDIA- MG**

**2023**

**FÁBIA MACHADO OLIVEIRA**

**O BORDADO COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE:**

**Uma ação educativa em Artes Visuais para o 6º ano do Ensino  
Fundamental II**

Dissertação apresentada à disciplina Orientação no Prof-Artes, Programa de Pós-graduação *strictu-sensu* em Artes, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arte Educação, pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Roberta Melo.

**UBERLÂNDIA- MG**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

O48b  
2024 Oliveira, Fábيا Machado, 1977-  
O bordado como construção de identidade [recurso eletrônico] : uma  
ação educativa em Artes Visuais para o 6º no do Ensino Fundamental II /  
Fábيا Machado Oliveira. - 2024.

Orientadora: Roberta Melo.  
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES).  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5161>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Melo, Roberta (Orient.). II. Universidade Federal de  
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Artes (PROFARTES). III.  
Título.

---

CDU: 7

André Carlos Francisco  
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408

**FÁBIA MACHADO OLIVEIRA**

**O BORDADO COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE:**

**Uma ação educativa em Artes Visuais para em artes visuais para o 6º  
no do Ensino Fundamental II**

**Banca de Avaliação:**

**Prof. Dra. Roberta Máira de Melo  
Orientadora**

**Prof. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos**

**Prof. Ms. Márcia Inês da Silva**

**Uberlândia, 25 de agosto de 2023.**

## **AGRADECIMENTO**

Não poderia deixar de agradecer à professora orientadora Dra. Roberta Maíra de Melo por todo apoio, incentivo e ensinamentos valiosos no decorrer da pesquisa, os quais me deram um norte para que o trabalho pudesse ser desenvolvido.

A ela, todo o meu reconhecimento e gratidão!

## RESUMO

O tema para desenvolver a pesquisa surgiu das memórias construídas ao longo do tempo de convívio com minha avó materna, Maria. As lembranças trouxeram a ideia de trabalhar o bordado em sala de aula, fortemente amparado nos trabalhos de teóricos renomados tais como Richter, Ana M. Barbosa, Ana C. A. Barbosa, Ferreira e Silva, dentre outros, que contribuíram para o fortalecimento da pesquisa. O bordado com toda a sua poética, ressurgindo dentro da escola, mostrando sua versatilidade e forte expressão, formando identidades, valorizando a cultura e respeitando a bagagem de cada aluno, em toda a sua particularidade. Muito embora tenha sido um grande desafio, demonstrou sua força e potencial no envolvimento de alunos e comunidade, como um marco de valorização da cultura local e regional. Para o processo investigativo foi utilizada a estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica de caráter exploratório, por meio dos seguintes passos: pesquisa de campo e pesquisa narrativa, partindo de experiências de artistas que adotaram a poética do bordado como expressão maior de sua arte. No desenvolvimento e condução do trabalho em sala de aula, os objetivos foram selecionar, através de fichamento, as produções de artistas que utilizam o bordado em suas produções, a fim de planejar um ensino orientado de Artes Visuais, fugindo do padrão lápis e papel, na busca por sentido e interculturalidade. A experiência de criar uma oficina de bordado com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, demonstrou fortemente ser possível introduzir a arte de bordar como um novo caminho a seguir, com a possibilidade de ser utilizado no currículo das Artes Visuais.

**Palavras-chave:** Artes Visuais. Bordado. Experiências. Ensino Fundamental.

## **ABSTRACT**

The theme to develop the research arose from the memories built over time with my maternal grandmother, Maria. The memories brought the idea of working with embroidery in the classroom, strongly supported by the works of renowned theorists such as Richter, Ana M. Barbosa, Ana C. A. Barbosa, Ferreira e Silva, among others, who contributed to the strengthening of the research. Embroidery with all its poetics, resurfacing within the school, showing its versatility and strong expression, forming identities, valuing culture and respecting the background of each student, in all its particularity. Although it was a great challenge, it demonstrated its strength and potential in the involvement of students and the community, as a framework for valuing local and regional culture. For the investigative process, the qualitative strategy of exploratory phenomenological research was used, through the following steps: field research and narrative research, starting from the experiences of artists who adopted the poetics of embroidery as a major expression of their art. In the development and conduction of the work in the classroom, the objectives were to select, through a file, the productions of artists who use embroidery in their productions, in order to plan a oriented teaching of Visual Arts, fleeing the pencil and paper pattern, in the search for meaning and interculturality. The experience of creating an embroidery workshop with students in the 6th year of Elementary School strongly demonstrated that it is possible to introduce the art of embroidery as a new path to follow, with the possibility of being used in the Visual Arts curriculum.

**Keywords:** Visual Arts. Embroidery. Experiences. Elementary School.

## LISTA DE FIGURAS

**Figuras 01 e 02** – Na sequência, da esquerda para a direita: “Empty Man’ – 1991, bordado sobre linho, 54cm X 39cm; ‘Los Delícias’ (detalhes da instalação na Capela do Morumbi – 1993.

Fonte: <https://bordadologia.files.wordpress.com/2014/10/leonilson-bordadp-empty-man-bordadologia.jpg>.

**Figura 03** – mostra de arte contemporânea – Rosana Palazyan

[http://www.rioecultura.com.br/expo/expo\\_resultado2.asp?expo\\_cod=1507](http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_resultado2.asp?expo_cod=1507).

**Figura 04** - Marina Abramović durante performance The Artist is Present, em 2010 no MoMA. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina\\_Abramovi%C4%87](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Abramovi%C4%87).

**Figura 05** - aluna Hillary, 6º ano – março de 2022 - arquivo pessoal.

**Figura 06** - alunos do 6º ano – arquivo pessoal.

**Figura 07** - Calendários. Fonte:

<https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DzBPPztD/>.

**Figura 08** - desenhos dos alunos Elias e Régis, 6º ano – 2023 – arquivo pessoal.

**Figura 09** - arquivo pessoal.

**Figura 10** - aluno Regis Matheus, 2022 – arquivo pessoal.

**Figura 11** - alunos Lucas e Maria Heloisa bordando - 6º ano – arquivo pessoal.

**Figura 12** - trabalho dos alunos willian e Brenda 2022 – 6º ano - arquivo pessoal.

**Figura 13** - Maria Heloisa – 6º A 2022 – arquivo pessoal.

**Figura 14:** trabalho das aluna Lara e Ana Flavia - 6º A - autoria própria.

**Figura 15:** <http://rosanapalazyan.blogspot.com/2015/>.

**Figura 16:** <http://rosanapalazyan.blogspot.com/2015/>.

**Figura 17:** <http://rosanapalazyan.blogspot.com/2015/>.

**Figuras 18 e 19:** arquivo pessoal – 2022.

**Figura 20:** arquivo pessoal – 2022.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	9
	1.1 Primeiras Linhas.....	9
<b>2</b>	<b>TRIBUTO À MINHA AVÓ</b> .....	13
	2.1 A Força da Mulher.....	13
	2.2 A Medicina Caseira da Vovó.....	17
	2.3 A Colheita do Algodão.....	18
<b>3</b>	<b>REBORDANDO UMA HISTÓRIA</b> .....	20
	3.1 Resgatando Sonhos.....	20
	3.2 Memórias.....	22
<b>4</b>	<b>O BORDADO NO CURRÍCULO ESCOLAR</b> .....	24
	4.1 Bordando na Educação.....	25
	4.2 Nuances do Bordar.....	27
<b>5</b>	<b>DESENVOLVIMENTO DAS AULAS</b> .....	29
	5.1 Pesquisando Métodos.....	29
	5.2 Ferramentas.....	30
	5.3 Preparando Aulas.....	32
	5.4 Primeiros Alinhavos: Concepção Pedagógica.....	34
<b>6</b>	<b>O BORDADO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA</b> .....	37
	6.1 Contemporaneidade Artística.....	38
<b>7</b>	<b>O BORDADO E SUA POÉTICA</b> .....	43
	7.1 Artistas do Bordado.....	45
	7.1.1 Leonilson.....	45
	7.1.2 Matizes Dumont.....	46
	7.1.3 Rick Rodrigues.....	47
	7.1.4 Rosana Palazyan.....	50
<b>8</b>	<b>PENSAR E BORDAR: AMOR EM LINHAS</b> .....	52
	8.1 Mãos e Leveza No Bordar.....	69
	8.2 O Último Ponto.....	72
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	74
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	76
	<b>ANEXOS</b>	
	ANEXO I Recado aos Pais ou Responsáveis.....	79
	ANEXO II Livreto.....	80
	ANEXO III Plano de Aula.....	84
	ANEXO IV Planejamento.....	86

## APRESENTAÇÃO

As lembranças da infância me sensibilizaram a desenvolver essa pesquisa, parte baseada na observação dos trabalhos que minha avó Maria desenvolvia na fazenda e outra parte baseada nas experiências da época de estudante no curso do Magistério.

Fui aluna da turma de 1999 no Colégio Estadual José Alves de Assis, na cidade de Mineiros, Estado de Goiás e tive a grata experiência, numa disciplina de didática, sobre o bordado em sala de aula como meio de expressão e aprendizado.

A possibilidade de ingresso no Profartes foi valiosa, eis que oportuniza o acesso aos docentes de Artes, possibilitando a pesquisa aprofundada nas diversas nuances que essa área possibilita, numa perspectiva de formação que visa a qualidade da arte na Educação Básica.

Partindo de uma perspectiva de proposta pedagógica, o projeto norteia a prática em sala de aula, como uma oportunidade de desenvolver o ensino em Artes Visuais na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, com um olhar para o bordado e expressão em artes. Além da prática docente, tenho como ponto de partida a experiência da convivência com o bordado desde a mais tenra infância, junto a minha avó Maria.

O trabalho foi desenvolvido na disciplina Artes, no primeiro semestre do ano de 2022, nas turmas do sexto ano, formado por um processo de contação de histórias com a visualização de imagens de objetos do contexto histórico e cultural na criação do bordado.

Associado a isso, momentos de diálogos para favorecer a interação e propiciar a comunicação nas formas singulares de representar e ver o mundo, numa busca pela produção do conhecimento de forma lúdica, com aulas teóricas e práticas, associadas, para uma melhor compreensão e apreensão do papel de bordador. O processo trilhou muitos caminhos, como pássaros que alçam voo buscando ir cada vez mais alto.

A disciplina Artes, a partir de uma visão contextualizada, possui um olhar e um fazer direcionados para um modelo de abordagem educacional preocupado com a inserção da arte na rotina escolar.

A pesquisa revelou um desafio para a busca de um aprendizado, de uma prática docente construída olhando para as diferenças e diversidades, através da

troca de experiências com os alunos, nas produções artísticas e com a participação da comunidade, que passou a refletir acerca das suas próprias responsabilidades individuais, sociais e culturais e sua importância no resgate à arte de bordar.

O estudo do tema reforçou a importância da comunidade e da escola na maior flexibilidade no tocante à diversidade, comunicação, capacidade de participação e de interação social, na busca por um aprendizado criativo, inserido na realidade escolar.

A pesquisa foi realizada numa aprendizagem experimental teórica-metodológica, utilizando a abordagem triangular, que contextualiza e faz a leitura da imagem, na busca por uma educação criadora.

Para Barbosa (2015) é necessário que o aluno seja reflexivo, crítico, com diálogo e olhar voltado para a dinâmica contextual e sociocultural e, para chegar a esse ponto, o aluno passa por fases em que diferenças e valores variam, em que há percepção e imaginação, culminando com o processo criativo.

Para levar o aluno a contextualizar e criar condições para um aprendizado significativo, o professor precisa criar os ambientes que favoreçam essa aprendizagem, essa alfabetização cultural dentro do contexto cultural onde escola e família estão inseridas. Enfim, a escola precisa criar a possibilidade de transformar o conhecimento empírico em conhecimento formal.

A base para a minha escrita parte do convívio com a história de vida da minha avó Maria e das experiências vivenciadas pelos alunos do 6º ano do segundo ciclo do ensino fundamental da Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, que serão contadas a partir do bordado.

As possibilidades de utilização dessa linguagem no ensino das artes visuais, sendo o ponto de partida a experiência estética em sala de aula, pensada com base na linguagem e na poética do bordado, questionando as realidades vividas numa base de ensino de artes experienciado no ver, no contextualizar e no experimentar.

Para desenvolver o trabalho em sala de aula, os objetivos foram: selecionar e investigar a produção de bordadeiras(os) e artistas contemporâneos que dialogam com a linguagem do bordado em suas obras, visando a construção de um planejamento de ensino de artes visuais.

Para o processo investigativo foi utilizada a estratégia qualitativa de pesquisa fenomenológica de caráter exploratório, por meio dos seguintes passos:

- pesquisa de campo e narrativa para conhecer as experiências e saberes sobre o bordado tradicional;
- netnografia<sup>1</sup> para conhecer artistas contemporâneos que usam o bordado em suas poéticas;
- pesquisa-ação na produção das oficinas com alunos do sexto ano do ensino fundamental, segunda fase, para discussão e experiência com o bordado.

E, por conter uma escrita que se enquadra no gênero narrativo, começo com as lembranças e memórias da minha avó Maria e vou desenvolvendo o projeto, de acordo com a pesquisa e as experiências em sala de aula.

O método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa é fenomenológico, com uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi a pesquisa-ação em estudo de caso, com procedimentos da pesquisa narrativa. Para Merleau-Ponty (1999), é o estudo das essências, voltando-se, filosoficamente, à compreensão, sem pressupostos, das experiências vividas pelos sujeitos face às coisas e/ou fenômenos. Assim, a pesquisa fundamenta o estudo do bordado, partindo da história da minha avó Maria, bem como parte de discussões teóricas e dos sujeitos que bordam.

As discussões propostas estruturam-se, também, nos investigadores qualitativos que frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto.

Dessa forma, para Bogdan e Biklen (1994) consideram que no processo da pesquisa qualitativa ocorre a maior parte do aprendizado no ato do processo, do que pelo produto. “nas investigações em campo, serão estudados os processos, uma vez que os investigadores, numa perspectiva qualitativa, ‘abordam o mundo de forma minuciosa’ (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.49).

Na dissertação de Márcia Inês da Silva, há a citação de Bogdan e Biklen (1994), são características da coleta de dados na pesquisa qualitativa:

(1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados [...] (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 16).

A ação de ir a campo investigar o fenômeno se estabelece uma visão de pesquisa que parte do mundo vivido, das experiências dos alunos que produzem suas

---

<sup>1</sup> Fonte especializada de etnografia que utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para compreensão e representação de um fenômeno cultural na internet. (<https>

histórias e de objetos cheios de significados, partindo de uma realidade socialmente construída.

A dissertação abordará a história da minha avó Maria, pois a ela devo toda a minha trajetória: foi ela minha maior inspiração de vida e, particularmente, no desenvolvimento da ideia do bordado aplicado ao Ensino Fundamental.

O segundo capítulo abordará a cultura na educação, com um olhar especial sobre Artes Visuais, buscando teóricos, como Barbosa (2015), Richter (2000), Merleau-Ponty (1999), Bogdan E Biklen (1994), contrapondo as suas opiniões, publicações e obras, em prol de trazer qualidade à pesquisa.

No terceiro capítulo, será abordado a experiência de trabalhar o bordado na sexta série do Ensino Fundamental. Os relatos das aulas ministradas demonstrando que a experiência foi válida e muito transformadora na vida dos alunos, trazendo um olhar diferenciado ao ensino de Artes.

## 2 TRIBUTO À MINHA AVÓ

Fui a campo para realizar o estudo sobre o bordado no contexto escolar – na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck – para o desenvolvimento da pesquisa-ação. Nesse sentido, existe uma razão forte para o uso “da narrativa na investigação educativa é que nós, os seres humanos, somos organismos contadores de histórias, organismos que, individual e socialmente, vivemos vidas relatadas” (CONNELLY E CLAUDININ, 1995, p.11).

A estratégia é ir a campo para realizar a pesquisa em ação com os alunos, como recurso metodológico para o bordado em sala de aula e na comunidade. Isso permite estudar os sujeitos bordadores tradicionais da comunidade, para conhecer suas realidades, seu modo de vida e entender o significado do bordado em suas trajetórias. A narrativa da história de minha avó seria um estímulo para as histórias de outros sujeitos do processo, os meus alunos e a história familiar de cada um.

Segue a história da vó Maria, o começo da minha história de vida e do meu encantamento com o bordado.

### 2.1 A Força da Mulher Maria

Em minhas doces lembranças me parece bem nítido o som da voz da minha vó: “Meninos não derrubem o algodão, que o frio esse ano vai ser forte”. Demorei um bom tempo para perceber a relação do frio com a colheita de algodão: o plantio do algodão, o cultivo, a colheita, o tecer e bordar, a venda dos lençóis, a produção e venda dos tecidos. Enfim, todo o processo desde a plantação até o produto final.

Mãos que trabalharam arduamente a terra, dia após dia, sem cessar, do nascer do sol ao apagar da lamparina, que ficava bem no canto da cama. E a candeia com o fogo amarelado queimava a noite toda sobre o fogão a lenha, na cozinha de pau a pique, ao som do monjolo que batia a noite toda, limpando café, arroz, milho... E a programação da lida com os afazeres da fazenda já estava toda organizada.

O preparo da terra, que nos presenteava com um perfume bom das raízes das plantas, um cheirinho gostoso do carpir e, em seguida, o colocar as sementes no sulco e dar uma pisadinha leve, pés descalços sobre a terra fofa, pra semente ‘não escapar’. Ouvindo ao longe a voz fina da minha vó cantando uma cantiga suave que parecia nunca ter fim:

*“Iaiá é hoje a paiada é boa  
Iaiá que ela tem a vuar”*

Tudo ia se resumindo ao pôr do sol, cestinha de bambu na mão para colher os ovos nos ninhos dos babaçus, os esterqueiros (local de guarda do estrume do gado para curtir para adubar a horta e o pomar) o passeio aos pés de jabuticaba, jogar milho às galinhas com pintinhos, ‘escolher’ o feijão para cozinhar, acender o velho fogão a lenha, chaleira com água sempre sobre ele. Ah, a magia do entardecer, a bicharada da fazenda vinha para a porta da sala, a grama verdinha, o ar fresco anunciando a chegada da noite, meu primo Júlio e eu sentados na janela, atentos ao momento do banho, pois logo iria escurecer. Todos à espera do melhor momento: ouvir histórias e ‘causos’ os mais diversos.

Fecho os olhos e ouço a voz grave do meu avô:

*“Tinha um menino muito teimoso que não obedecia o pai. O pai era um homem muito rico, com muitas cabeças de gado, que fazia a travessia do gado na época da seca e das águas. No tempo das águas o gado subia para as veredas de Mineiros, e no tempo da seca era levado para o Pantanal mato-grossense. Em uma dessas viagens, logo ali na região da Jacuba, quase de noite os tropeiros pararam e fecharam o gado. Uns foram cuidar das tropas, outros foram curar as rezes e bezerros machucados, pai e filho foram fazer a janta. O pai, muito cansado, foi logo arrumando os baixeiros e os arreios e pediu ao filho que buscasse lenha para acender o fogo. O filho, muito preguiçoso e pirracento, ficou deitado na rede, balançado. Era um filho muito orgulhoso, muito uzurento e não dividia nada com ninguém. Era uma maldade muito grande que aquele filho tinha no coração. O filho ficou ali na rede, pensando em como matar o pai. O pai, mesmo cansado, foi catar lenha, saiu cabisbaixo catando galhinhos secos, folhas e sumiu mato adentro. O menino levantou da rede, foi nas tralhas do pai e pegou a cartucheira. Preparou bem um cartucho com pólvora e balote, como se fosse matar uma anta, ajeitando bem, no capricho. A noite já havia caído. O pai sumido no meio do mato. O menino saiu a procura pelo mesmo caminho que o pai tomou. Andou um pouco e chegou debaixo de uma árvore enorme e bem escura. Encostou no tronco, se ajeitou bem e deixou a cartucheira armada esperando o pai voltar pelo ‘triero’, ficou na espera.*

*O pai conhecia muito bem a região como se fosse a palma da mão e resolveu voltar por outro caminho. O menino ficou lá na espera e até dormiu encostado na gameleira. A natureza, sabendo de toda a maldade do moleque, logo fez o seu papel: foi enrolando e embrulhando o menino junto com a cartucheira preparada para o matar o pai.*

*O pai e os vaqueiros esperaram o menino até tarde da noite e nada de aparecer. Logo que amanheceu seguiram viagem, o pai pensando que o filho havia retornado para casa.*

*Ele nem imaginava que o filho estivesse preso na gameleira. O menino ficou preso sem poder tomar água e foi ficando bem sequinho e magrinho, até morrer. Até hoje, quem passa sozinho lá pelas aquelas bandas, ouve os gritos do menino pedindo água, que chega a arrepiar de medo.*

*E lá na gameleira ficou a estátua do menino com a cartucheira na mão todo envolvido pelas raízes, à beira de um cupinzeiro, como se estivesse esperando alguém. Valha-me meu Deus do céu e da terra, livrai toda a minha família de todas as maldades deste mundo., meu avô fazia o nome do pai, como benção do corpo.”*

*Autor desconhecido*

As crianças todas ficavam arrepiadas de medo, olhos arregalados imaginando a cena triste, com muito medo e agradecendo ao anjo da guarda por estarem seguros.

Minha vó Maria, na simplicidade do vestido branco encardido e desgastado pelo tempo, fruto do seu processo de fabricação: plantava o algodão no fundo do quintal, cultivava, colhia, preparava e tecia os panos. Cortava, costurava vestidos, calças, blusas, roupas de cama, cobertas, enfim, toda a roupa da família. Aquele vestido era próprio para dormir, de mangas longas e bordado na gola, com rosinhas miúdas e galhos com folhas pequenas. Sentada no rabo do fogão a lenha, segurando a lamparina e sonolenta, olhar cansado, semblante abatido, esperando meu avô finalizar as histórias. As mulheres daquela época iam para a cama junto com o marido.

Todos acordavam bem cedo, antes do nascer do sol, despertados pelos galos do terreiro que dormiam no pé de mexerica crava, bem perto do quarto dos meus avós. Um galo cantava, em seguida outro, os das fazendas vizinhas seguiam a cantoria e me vem à lembrança a poesia de João Cabral de Melo Neto, Tecendo a manhã:

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito que um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma tela tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos. [...]  
 (MELO NETO, 1966).

Logo um cheiro de fumaça invadia a casa: minha avó já havia acendido o fogo, havíamos catado gravetos e folhas de guariroba seca na tarde anterior, no enorme e encantador quintal da fazenda, com seus enormes pés de manga, laranjeiras,

abacate, babaçu, guariroba, dentre outros. Era onde meus primos e eu brincávamos de fazendinha, de avião, de cavalo de pau e toda a sorte de brincadeiras da época.

Em seguida a casa era tomada pelo delicioso cheiro de café, minha vó já havia arrumado a mesa que ficava no canto esquerdo da cozinha, oposto ao fogão. Tudo muito bem organizado, os bules de café, um verde esmaltado decorado com flores para o café, outro branco com florezinhas para o leite; as xícaras, também de louça, decoradas com flores. Biscoitos e bolachas feitos por minha avó completavam a mesa farta e barulhenta.

Lembro da minha vó, com os dedos tortos e sofridos, lavando o coador de café e falando sobre os afazeres do dia. Meu avô levantava da cama mais tarde, depois do café servido, o sol já despontado no horizonte. Vinha todo faceiro e tomava um cafezinho sentado no banco perto da janela, ali mesmo preparava o cigarro de palha, com paciência e dedicação, ficava horas ali naquele ritual de preparo até o ato de fumar.

A minha avó bem magrinha, já com a enxada afiada, pronta para carpir a roça de algodão; meus primos Júlio e Alexandro comigo, prontos a segui-la. Passávamos a manhã toda lá, entre o cantar dos pássaros, pés de algodão e as canções desafinadas da vó Maria:

*“Que beijinho doce  
Que ele tem  
Depois que beijei ele  
Nunca mais amei ninguém  
[...]  
Que beijinho doce  
Foi ele quem trouxe  
De longe pra mim  
Se me abraça apertado  
Suspira dobrado  
Que amor sem fim  
Coração quem manda  
Quando a gente ama  
Se estou junto dele  
Sem dar um beijinho  
Coração reclama  
[...]  
Que beijinho doce  
Foi ele quem trouxe  
De longe pra mim*

*Se me abraça apertado  
 Suspira dobrado  
 Que amor sem fim  
 Que beijinho doce  
 Que ele tem  
 Depois que beijei ele  
 Nunca mais amei ninguém  
 Que beijinho doce  
 Foi ele quem trouxe  
 De longe pra mim  
 Se me abraça apertado  
 Suspiro dobrado  
 Que amor sem fim”.*

*Nhô Pai*

A limpeza de ervas daninhas era feita com muito zelo e cuidado, para não ‘machucar’ o algodoeiro, as plantas ficavam lindas, ressaltadas contra o marrom da terra limpinha, num tom verde escuro vibrante. Ali estava o resumo da vida econômica da minha vó: cultivar, colher, produzir, tecer e bordar, mal sabendo ela que bordava assim os capítulos da sua história de vida.

## **2.2 A Medicina Caseira da Vovó**

Minha avó era uma mulher aquém do seu tempo: tinha um sonho não realizado, uma espécie de frustração: queria ser médica, curar pessoas, sentia que tinha o dom para isso. Porém, naquela época havia toda uma questão cultural associada aos deveres de uma mulher, a sociedade e o papel que uma mulher deveria desempenhar; isso tudo associado à dificuldade financeira.

Contudo, minha avó, na impossibilidade de se tornar médica, investiu em livros de medicina natural, aos quais se dedicou, estudou e aprendeu uma série de remédios caseiros, utilizando a matéria prima que tinha na fazenda e nas redondezas. Mantinha seus preciosos livros bem guardados dentro do seu quarto, e nós, crianças, somente tínhamos acesso a essas preciosidades em sua companhia e sob sua tutela. Com sabedoria e dedicação fazia leituras, estudava e preparava chás, banhos, sumos, produzindo ‘garrafadas’ para toda a família.

Me recordo que Júlio e eu gostávamos de brincar com os gatos, em especial a gatinha chamada Amarelinha, que era muito manhosa e pertencia à minha avó. A Pegávamos no colo, fazíamos carinho e acabamos com uma doença na pele que

coçava muito e ia formando uma mancha redonda com uma textura áspera. Nossa avó prontamente diagnosticou: impinge. Logo em seguida começou a preparar o remédio para nos curar. Raspava o botão da flor do algodoeiro ainda fechado e verde, para extrair o sumo; depois passava sobre fungos de pele, o que provocava uma coceira misturada com dor e queimação. Contudo, no dia seguinte a pele estava somente marcada com a mancha verde do sumo, os fungos haviam desaparecido.

Lembro de outro remédio para dor de ouvido: pegava a flor do algodoeiro e colocava em uma concha limpa, levava ao fogo e aquecia até produzir um líquido amarelo; esse líquido era colocado bem morno no ouvido, depois tampava o ouvido com algodão. Rapidamente a dor cessava.

Os remédios caseiros também eram usados para tratar o gado: minha avó preparava uma salmoura para o gado beber e juntava as sementes de algodão que, segundo ela, fortificava as reses para resistir ao período de seca.

Relembrando de tudo agora, me dou conta de que minha vó, mesmo sem saber, era mestra em superação: ao invés de ficar frustrada e triste por não poder curar medicina, encontrou outra maneira de revelar seus dons, contribuindo em muito com a família e a comunidade na cura de doenças e males, tanto de seres humanos, quanto de animais.

### **2.3 A Colheita do Algodão**

O algodoeiro sob o sol escaldante ia mudando com o tempo, flores amarelas surgiam e atraíam besouros, abelhas e pequenos pássaros complementavam o cenário. Minha vó parava de carpir para descansar, sentava-se no cabo da enxada e ficava observando os pássaros: sabiá, João-de-Barro, barreirinha, canário da terra, tesoura de rabo, João-pinto. São alguns que lembro dela falar, ficavam em meio do algodoeiro se alimentando de besouros, lagartas, colaborando com o equilíbrio ambiental. E logo o branco do algodão maduro começava a surgir em meio ao verde escuro das folhas, revelando que estava próxima a época da colheita: encher balaios de plumas brancas e o movimento dos teares logo começaria.

Fecho os olhos e consigo ver, ao longe, a brancura do algodão cultivado por vó Maria, mais parecendo uma nuvem fofa e distante... Imediatamente me vem à lembrança as aventuras vividas com meus primos e a alegria de ajudar na colheita do

algodão. Era uma época mágica, de encontros, risadas, traquinagens e muita, mas muita animação.

Os balaios repletos de algodão eram carregados até o salão de tear e a imaginação rolava solta: éramos aviões planando em meio ao algodoeiro, corríamos o mais rápido possível fazendo som de turbina de motor. Os terreiros limpos e bem cuidados, os caminhos abertos entre os altos pés de algodão, vó Maria, minha mãe e minhas tias concentradas em colher e jogar nos balaios feitos de taboca pelo meu avô.

A proposta de estudar o bordado a partir das experiências vividas da minha infância junto com a minha avó Maria, conhecendo sua história o processo técnico e criativo da sua época de bordadeira, observando suas experiências, possibilitou esse trabalho e também pensá-lo na dimensão da sala de aula. Trabalhei, portanto, com a estética do cotidiano proposta por RICHTER (2000) e que discutirei a seguir.

### **3 REBORDANDO UMA HISTÓRIA**

Quando vou para a casa dos meus pais, volto à doce época da infância. Como numa viagem no tempo, me sinto revivendo em outra época: vejo os currais, o pé de gameleira, a folha fita, o abacateiro, o pé de jambo com os frutos carnudos, cheirosos e bem doces repletos de pássaros barulhentos, em algazarra e o cavalo branco nomeado pela minha avó como 'Bilontra'. Consigo sentir o cheiro adocicado das flores das jabuticabeiras, misturado aos sons das abelhas e dos pássaros, criando uma sinfonia singular.

A escola era meu mundo encantado: salas bem limpas e com um cheiro gostoso que me lembrava flores. O pátio com grama sempre verdinha e no período da seca sempre tinha uma mangueira esguichando água. Aquelas árvores altas e frondosas que ficavam atrás das salas e perto de um casebre, no qual morava uma família. O momento do recreio, encontros para o bate papo, piquenique com lanches trazidos nas lancheiras de plástico azul ou rosa, recheadas de quitutes feitos pelas mães: bolachas, biscoito, bolo, rosquinhas, doce dos mais variados.

Fiz o que era chamado de pré-escola, fui uma criança muito além da média, sabia contar e escrever até o número cem. Havia aprendido com os afazeres da fazenda, contando as linhas para colocar no tear e guardando os novelos nos balaies, minha avó sempre ao lado. No ano seguinte me colocaram na segunda série, qual hoje corresponde o segundo ano do Ensino Fundamental.

Devido a isso tive uma etapa 'queimada', que abriu lacunas no meu aprendizado, com sequelas especialmente na escrita. Fui alfabetizada aos poucos, enfrentando muitos desafios e com muita dedicação, encantada com a escola e com tudo o que a envolvia.

Assim, fui criando laços de amizade e a história de criança foi criando formas. Nas férias retornava à casa dos meus pais na fazenda, ficava na casa da minha avó materna para estudar. Quando chegava na fazenda ficava observando e ajudando nos afazeres de casa e nos finais de tarde ia para a minha avó Maria ver os bordados, e assim foi urdindo a minha história.

#### **3.1 Resgatando Sonhos**

Quando fui aprovada no programa ProfArtes, junto com a alegria da conquista vieram à tona todos os sonhos e as lembranças do tempo em que convivia com minha avó Maria, e que idealizei na escola em que estudava quando criança.

Aquela escola tão antiga, o pátio repleto de árvores frondosas, o ambiente acolhedor ficou nos sonhos de criança. Passou o tempo, vieram as reformas e eu fui daquele aconchego para outras escolas, conheci outros espaços, outros lugares, porém nunca esqueci de onde eu vim, da minha essência, com as inquietações comuns o nós, seres humanos. Algo sempre me guiou a voltar, não no tempo pois isso sabemos é impossível, mas resgatar e honrar a memória de minha avó e tudo o que ela significou na minha vida.

Brincar debaixo de outras árvores e tecer outros sonhos, criar outras histórias. Poucas linhas numa viagem monocromática, a falta do aroma doce e do frescor da sombra aconchegante das árvores que não existem mais. Trago muito viva na memória a imagem do pé de ipê, com suas flores amarelas sob o sol escaldante do Mato Grosso, bem na porta de entrada da Escola Estadual Doutor Ytrio Correia.

Num modelo arquitetônico majestoso e imponente, suas 24 salas de aulas, biblioteca, refeitório, quadra coberta, piscina e alguns espaços vazios devido ao tamanho do prédio. Ali as histórias eram contadas pela metade: ora vinham com muito brilho, outras sem nenhuma cor.

A escola está numa região que já foi refúgio para garimpeiros advindos do nordeste do país em busca de pepitas de ouro, diamantes e outras riquezas. A cidade de quase treze mil habitantes traz consigo histórias de vidas, enredos e pautas, que são contadas e vistas através das lentes do agro negócio, deixando lacunas acerca das retaliações governamentais sofridas pelas pessoas que para aqui vieram perseguindo um sonho e que colaboraram para com o crescimento da cidade, trazendo na bagagem a cultura, os costume e a culinária, compartilhando vida repletas de mistério e beleza.

Essa região, rica em belezas naturais, faz divisa com o Estado de Goiás, onde está localizado o berço da nascente do Rio Araguaia, cujas águas cristalinas embelezam e margeiam as cidades de Alto Araguaia, Santa Rita do Araguaia, dentre tantas outras privilegiadas da região. Nas duas margens, ladeadas por árvores altas, com troncos tortuosos e copas frondosas, refúgio de pássaros cujo canto reverbera e revira a memória.

Na verdade, a lembrança encantadora de ver a minha avó Maria em meio às plumas de algodão, cores, linhas, sonhos sendo bordados, aguçou e entremeou a minha vida. E sou arremessada novamente ao algodoeiro da minha avó, onde perdia a noção do tempo observando pássaros, encantada com a melodia vibrante.

### 3.2 Memórias

O cantar majestoso do sabiá na laranjeira trouxe um ar de tristeza entremeado de saudade...lembranças boas de um tempo que se foi, mas que pode ser resgatado pela magia das linhas coloridas de bordar.

Um casebre vazio trazendo memórias e inquietudes ao pensamento. E eis que surgiu a ideia de utilizar aquele local tão cheio de significativos e idealizar um projeto que pudesse ocupar bem aquele espaço. Utilizei caneta, papel e sentimento para escrever o projeto que, para minha mais profunda alegria, foi aprovado no programa ProfArtes, me fez extremamente feliz e, ao mesmo tempo, insegura quanto às projeções futuras, a mudança e tudo o que ela significava. Contudo, maior foi o sentimento de reviver e projetar algo que estava muito vivo em minhas lembranças, agregando o valor e o desejo de ser parte de algo maior e mais significativo: o resgate da cultura na modalidade arte de bordar.

As reflexões sobre o ensino de artes estavam vivas e presentes, a ligação do novo na busca do resgate de costumes e tradições, a sala de aula transformada num ateliê repleto de crianças com possibilidade de trabalhar a poética do bordado, num resgate à identidade no ensino de artes visuais.

Toda criatura viva recebe e sofre a influência do meio, e a isso Dewey chamou de experiência. Há uma continuidade entre os eventos e atos do cotidiano. A arte é também uma forma de experiência que alcança dimensão estética. O Partenon, por exemplo, representa a cultura grega, seus atos e experiências; o que se vê em museus foi algo que serviu a povos, fruto de sua habilidade, de seus cultos, danças, rituais, música, arquitetura, inseparáveis de sua vida (DEWEY, 2010, pag.109).

O tempo passou e eis que eu estava lá novamente, agora adulta, para o ofício do magistério. As poucas árvores frondosas, o casebre vazio e esquecido no tempo, as memórias, as lembranças de minha avó com seu ofício de tecer e bordar se alinhavando no velho casebre abandonado.

E veio saltando fios de linhas coloridas com sonhos, imaginação e ideias mil no registro do ofício de ser professora, o bordar na leitura, nas histórias contadas, vividas e revividas por aquelas crianças que agora brincavam à sombra das árvores que restaram. O casebre abandonado logo estaria sendo palco de uma nova aventura.

Através deste estudo fui despertada para questões sobre a estética da arte de bordar, a relação feminina com o fazer cultural e de como essa estética pode ser trabalhada na escola. O plantar da semente, o tecer, a trama da compreensão foram, assim, sendo definidos através de leituras e fios tecidos por artistas brasileiros, que me encorajaram a prosseguir. Busquei as memórias na minha infância, peguei o tecido e comecei a desenhar a própria história. Mas muitas indagações surgiram para me provocar: A estética do bordado traria quais benefícios aos alunos? É conveniente ensinar o bordado para todos os gêneros? É possível trazer para a escola as histórias cotidianas dos alunos e trabalhar a sua estética com a técnica de bordar? Qual a visão de estética trazida de casa? Qual seria a adequação para trabalhar a arte contemporânea de forma positiva na escola?

Em busca dessas respostas teria que compreender o espaço, especialmente a escola e as histórias de alunos e comunidade. O objetivo do trabalho foi se tornando cada vez mais claro: o fazer artístico direcionado para a busca da compreensão da estética, na prática do fazer em sala.

E nessa reflexão sobre a relação da arte com a sala de aula, tinha como possibilidade a ação de bordar como meio de expressão artística, como construção da identidade através das próprias histórias e das ações cotidianas. E ali, mais do que nunca, se fez presente a certeza de como fui influenciada por minha avó Maria: o despertar para o bordado como fator de empoderamento feminino para a economia como parte de uma cultura matriarcal, onde sempre imperou uma cultura patriarcal absoluta.

## 4 O BORDADO NO CURRÍCULO ESCOLAR

Somente na década de 60 é que o currículo educacional passou a ser pensado e discutido:

O século XX foi marcado por inúmeras reações acerca deste modelo de currículo. Diferentes modelos sociais e culturais começaram a se formar, a partir dos anos 60 e contribuíram para ampliar as críticas aos currículos tecnicistas. [...] A partir da década de 1970, na literatura inglesa, surge a nova sociologia da educação, e com ela, uma nova forma de pensar o currículo (BARBOSA, p. 39, 2015).

De acordo com Richter (2002) houveram mudanças nas práticas pedagógicas brasileiras no ensino de arte, a partir do ano de 1980, com o movimento de arte-educação, mas ainda existem algumas práticas no ensino da arte na escola, que privilegiam o código estético dominante – o europeu branco:

Usualmente aparece carregado dos códigos hegemônicos norte-americanos e europeus, com uma visão distorcida de que a Arte dita erudita, ou importante, é feita por brancos, do sexo masculino, europeus ou de origem europeia, segundo os cânones formais da modernidade. Ficam usualmente excluídas todas as manifestações artísticas não condizentes com esses padrões, ou relegadas às categorias de folclore, arte popular, arte indígena etc. (RICHTER, 2002, p. 91).

O aluno está inserido em um grupo não dominante, por isso a cultura popular deve ser levada para sala de aula, sendo necessário repensar essa prática educativa investigando as possibilidades de um ensino voltado ao enfoque da cultura popular, que possa sensibilizar, gerar respeito e valorização à identidade.

Uma prática que possa interagir com as diversas culturas presentes em sala de aula, mas para isso “é necessário que a escola forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações” (BARBOSA, 2003, p. 19).

Há dezessete anos Artes é matéria obrigatória no Ensino Fundamental e Ensino Médio no Brasil. Não por iniciativa dos arte - educadores brasileiros mas fruto de uma ideologia de educadores norte- americanos através de um Acordo Oficial (Acordo MEC-USAID 1971). O acordo modificou os estatutos da educação brasileira, mudando seus rumos com base na Lei Federal 5.692 conhecida como Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB).

Foi o marco que deu início à profissionalização de crianças e adolescentes a partir da sétima série, na escola secundária, com ensino totalmente profissionalizante. Um dos objetivos era a criação de mão de obra barata, necessária para as multinacionais, que conquistaram grande poder no país durante o regime da ditadura militar, que perdurou de 1964 a 1983.

Nessa época a filosofia e a história foram banidas do currículo escolar, restando apenas a arte como forma de incentivar a criatividade dos estudantes, embora de forma muito pequena, apenas voltada para o ensino de desenho geométrico. O movimento mais ativo que existia, desde o ano de 1984, eram as trinta e duas Escolinhas de Arte que desenvolviam a auto expressão centrada em cursos em arte e educação, porém na categoria particular.

A publicação da Lei Federal nº 13.278/16, incluindo as Artes Visuais, Dança, Música e o Teatro no currículo escolar na educação básica, alterou a LDB estabelecendo um prazo de cinco anos para a implantação das componentes e a formação dos professores.

Houve mudanças a partir dos anos 1980, mas ainda são encontradas práticas no ensino das artes bem distantes da realidade do aluno, excluindo-se a arte e a cultura populares, deixando de reforçar a identidade cultural e cotidiana do aluno.

A escola ainda ignora que os alunos são filhos da classe trabalhadora da nossa nação e deixa de abordar os segmentos mais populares. E, nessa pesquisa e estudo, o foco em questão é o bordado em sala de aula como resgate dos tradicionais costumes de bordadura, com base nas experiências vividas na minha infância, aliada a pesquisas de artistas contemporâneos que usam o código estético do bordado na sua produção poética.

#### **4.1 Bordando na Educação**

Barbosa (1994) acredita que a arte tem a função de ser social, de envolver e mesclar as culturas, numa educação em arte que exerça e possibilite “acesso à informação de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais dos diferentes grupos” (BARBOSA, 1994, p.33).

E isso leva à reflexão de um ensino identitário e estético, o pensar no ensino da arte a partir de experiências vivenciadas na comunidade, dentro da qual o aluno está inserido.

Ao penetrar no ambiente cultural dessas famílias de origens distintas, foi possível perceber, como diz Candau, o quanto é caleidoscópica a nossa herança cultural, e o quanto ainda são detectáveis, em maior ou menor grau, as influências presentes em nossa comunidade oriundas dessas origens. É essa a realidade cultural que a/o aluna/o leva para a escola, é com essa realidade multifacetada, híbrida, que a/o nossa/o estudante chega para nós, professoras/es, para abrir-se a novos saberes, mas necessitada/o de compreensão e conhecimento sobre sua própria cultura (RICHTER, 2000, p. 87).

Foi compactuando com o pensamento de Richter do caleidoscópio presente na nossa cultura, que levei a história de vida de minha avó Maria para instigar nos alunos a vontade de contar as suas histórias e perceber a importância das referências culturais que trazem com eles do ambiente familiar. Identificando nas trocas semelhanças e diferenças entre as histórias apresentadas por cada indivíduo em sala de aula.

Segundo Triviños (1992), o conhecimento é adquirido a partir do mundo vivido, e a descrição realizada pelo pesquisador sobre o indivíduo. O estudo da fenomenológica é o ir a campo para conhecer os fatos.

Com relação à compreensão, Bogdan e Biklen (1994) relata:

Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem [...]. Para o investigador qualitativo divorciar o ato, a palavra ou o gesto do seu conteúdo é perder de vista o significado (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

A utilização da narrativa nesta investigação de mestrado permite-me contar as histórias da minha avó Maria e dos meus estudos e práticas como estudante e professora, bem como as vivências de outros sujeitos, que narram suas histórias e experiências relacionadas com a temática do bordado.

Nesse sentido, Nóvoa (1993) defende:

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às

estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p.18).

Uma observação interessante sobre a arte-educação democrática, é a de que o ensino de artes leve em consideração um ponto: que o sujeito educado por meio da arte tenha a capacidade de desenvolver a sensibilidade crítica diante das questões sociais que o cercam, bem como de promover a construção da sua identidade, reafirmando seu pertencimento histórico e cultural.

Na Abordagem Triangular, de acordo com Barbosa (1994), há o diálogo com os códigos estéticos e culturais nos quais o aluno está inserido, com condições de promover o encontro e acessar outras culturas. Forma-se, assim, uma proposta educativa inclusiva considerando todas as culturas como válidas e legítimas, já que vive um conflito com as miméticas ofertas de identificação, o que não é a sua cultura: os modelos estrangeiros ligando às culturas populares, que nascem da heterogenia civilizada.

Neste estudo é utilizada a abordagem qualitativa, na narrativa da história da minha avó Maria e as histórias narradas pelos alunos e pessoas que bordam. O estudo partiu da experiência com o bordado tradicional da Família Dumont, de Pirapora – Minas Gerais, que produzem uma poética com vasta experiência com bordado tradicional. Os estudos também se estenderam para àqueles que contemplam uma produção que utiliza o bordado, a fim de conhecer suas histórias e processos criativos.

## **4.2 Nuances do Bordar**

A revalorização das atividades manuais na contemporaneidade de nossa época é recente, cerca de mais ou menos cinco anos começou a procura por cursos online ou presenciais, tutoriais no YouTub ou mesmo o Clube do Bordado, um grupo de seis mulheres que começaram a se encontrar para conversar, trocar experiências, bordar e, por fim, criaram uma escola física. Deixam claro no site que o objetivo é resgatar saberes e fazeres de trabalhos manuais, realizando workshops pelo Brasil e exterior, além de manter canal no YouTub com aulas que ultrapassam oitenta e cinco mil visualizações mensais.

Segundo Ferreira (2014): “se antes o bordado era associado a uma espécie de submissão feminina, em tempos recentes poderia estar ligado ao oposto, significando a independência socioeconômica “.

Mudando a maneira de olhar o bordado, nota-se a interação entre a arte e a matemática. É uma forma de o aluno ser o autor do seu próprio aprendizado, criando e construindo padrões com vários elementos da geometria que estão presentes nos bordados, especialmente o ponto cruz.

O PCN diz o seguinte: “um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático.” (BRASIL, 1997).

Além de desenvolver a intuição e a imaginação, matemática e artes são disciplinas fundamentais por muitas outras razões. Por exemplo, a matemática é uma área naturalmente propícia ao desenvolvimento e à manutenção de um diálogo permanente com a vida e com outras áreas do conhecimento (FRAGA DA SILVA, 2019, p.15)

Interessantes opiniões, tanto masculinas quanto femininas após o uso do bordado de ponto cruz, especialmente em participantes que nunca haviam bordado: a proposta de trabalho relativamente simples possibilita a abordagem e o desenvolvimento de conhecimentos, conceitos, aplicação e habilidades motora e posicional. Além das habilidades artísticas, estéticas e visuais, os participantes relatam:

Achei a oficina bem interessante, uma vez que eu não tinha um desempenho legal nas transformações geométricas, reflexão, translação e rotação e fazendo tudo isso com o ponto cruz foi algo inovador e bem legal. Assim, fazendo na prática tive ideia do certo e errado, melhor para visualização (PARTICIPANTES 1 e 2).

Trabalhando com diversos conceitos matemáticos nas atividades, especialmente com o bordado ponto cruz, observamos essas possibilidades geométricas: figuras, ângulos, padrões, simetrias rotações e outras transações (isometrias).

## 5 O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS

### 5.1 Pesquisando Métodos

Nos anos de 2021 e 2022, ocorreu a coleta de dados da sendo como início os estudo da minha família através da história da minha avó paterna e o grupo de bordadores tradicionais e da Família Dumont. Coletei por meio de conversas informais com tias, primos e meu pai e a Família Dumont por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa virtual, no site da Matizes Dumont, que é administrado pela família.

Os bordadores contemporâneos espalhados pelo Brasil foram pesquisados de forma virtual, os seus trabalhos foram analisados em uma investigação sobre o bordado e o ensino de artes.

O professor foi o agente de escolha e o mediador ao sujeito na escola. Os dados foram mostrados, discutidos em busca de uma identificação as reações dos alunos em motivação para as oficinas. O critério de escolha do grupo de bordado tradicional da família Dumont para pesquisa foi por ser uma família qual trouxe a memória a história da avó Maria e além meu encantamento, no primeiro olhar, ao assistir uma das *lives*.

A poética em suas produções, além de bordadores, são ilustradores de livros, ilustradores de músicas, poesias fazendo o uso da linguagem do bordado e ao mesmo tempo disseminando pelo mundo a fora o ensinamento do bordado tradicional, por meio dos instrumentos digitais.

Foram expostas várias obras de artistas contemporâneos (plano de aula anexo I), porém o artista Rick Rodrigues possui bacharelado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, atualmente estuda mestrado em História, Teoria e Crítica da Arte (PPGA – UFES).

Integra o grupo Almofadinhas, também formado por Fábio Carvalho (RJ) e Rodrigo Mogiz (BH) que se dedica a atividades no território do sensível e delicado, tendo o bordado como um dos meios de produção de suas obras. Nesse contexto, o trabalho dos artistas enfatiza a técnica do bordado na discussão da contemporaneidade e da tradição junto a abordagens sobre gênero, afetividade e sexualidade. Foi o que teve maior aceitação pelos alunos na produção da oficina com o tema: Artistas Bordadeiros.

Para Bondía (2002, p. 21), "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca".

Assim a experiência está somente no mundo humano, pelo sentir, sensibilizar, pensar e tocar em relação ao meio que está inserido.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

As práticas vividas sendo reconhecidas como conhecimento foi um grande avanço científico, por trazer a academia os saberes populares qual geram outros saberes, novos conhecimentos.

O planejamento da pesquisa ocorreu a partir da escolha da temática dos bordados tradicionais da minha avó Maria e a dinâmica em sala de aula com os alunos da comunidade carente, e comecei a pesquisar a bibliografia e o pensar sobre a metodologia para despertar o desejo dos alunos para o fazer artístico.

Para os dados coletados no estudo de caso, foi utilizado como instrumento o caderno de anotações, ali estão os registros das observações vivenciadas para refletir a experiência.

Na pesquisa narrativa, o relacionamento, a convivência com as pessoas que fazem parte do estudo é um ponto importante, na análise das histórias contadas.

## **5.2 Ferramentas**

As pesquisas sobre o método e a melhor forma de ensinar o bordado nas aulas de artes visuais, trouxe uma série de instruções e indagações, pois existem maneiras variadas de ensinar a arte de bordar no ensino fundamental.

Ao introduzir a história do bordado como atividade interdisciplinar, o professor pode iniciar falando sobre a história do bordado, mostrando exemplos de diferentes técnicas, estilos e formas.

Para demonstrar a técnica básica, é importante que o professor ilustre a forma prática do bordado, explicando a diferença entre o ponto cruz, ponto cheio, ponto atrás, ponto haste, entre outros. Para isso pode utilizar materiais de baixo custo e irá facilitar o aprendizado dos alunos, utilizando agulhas de bordado, linha, tecido e bastidor.

Ao criar projetos simples o professor pode começar com ações como bordar letras, desenhos geométricos ou figuras abstratas, incentivando a criatividade, deixando que os alunos escolham suas próprias cores e desenhos. Ao realizar atividades em grupo, o professor torna o aprendizado mais divertido e, para isso, pode realizar atividades em grupo, como bordar um painel coletivo ou um projeto maior, de acordo com a evolução dos alunos.

Incentivar a continuidade do projeto é muito importante, pois os alunos se sentirão motivados a continuar praticando em casa, para aprimorar suas habilidades e desenvolver sua criatividade.

Numa segunda linha de pesquisa, foi sugerido que começasse com os conceitos básicos: é importante que os alunos entendam os conceitos básicos, como a escolha da agulha e linha, tipos de tecido e como fazer os pontos básicos. Assim, utilizando materiais de qualidade (e é muito importante que os alunos tenham acesso a materiais de qualidade) como linhas e tecidos, para que possam obter um resultado satisfatório e gratificante. O ensino de diferentes pontos, pois existem muitos pontos de bordado diferentes, cada um com um efeito diverso. Importante também ensinar os pontos mais comuns, como ponto cruz, ponto atrás e ponto cheio, que podem ser associados ao ensino de pontos mais avançados, como ponto matiz ou ponto de margarida.

Utilizar projetos simples para começar, como bordar um nome ou um pequeno desenho. À medida que ganham mais experiência, podem avançar para projetos mais complexos. Estimular a criatividade de forma divertida, pois o bordado permite a criação de algo único e personalizado. Estimular a criatividade dos alunos e permitir que eles criem seus próprios desenhos, fazendo atividades em grupo. O bordado pode ser uma atividade divertida para se fazer em grupo, com alunos compartilhando ideias e aprendendo uns com os outros. E, por fim, o incentivo à prática, como em qualquer habilidade, é fundamental para se tornar bom em bordar. Incentivar a praticar regularmente em casa e oferecer tempo em sala de aula para que possam trabalhar em seus projetos.

### 5.3 Preparando Aulas

A pesquisa é fruto de um grande orgulho pessoal e profissional e foi sendo realizada com muita emoção e curiosidade. E durante o processo de pesquisa, criação e aplicação, percebi o quão grande era a responsabilidade social de contribuir para a ampliação do conhecimento e a valorização da cultura.

A preparação do momento para inserir os alunos numa fantasia, para contar ‘as coisas da fazenda’, a busca pela memória olfativa e o momento de desfrutar cada pedacinho de encantamento, com a sonorização e visualização do clip da música Passaredo, de Chico Buarque.

#### *Passaredo*

*Ei, pintassilgo  
 Oi, pintarroxo  
 Melro, uirapuru  
 Ai, chega-e-vira  
 Engole-vento  
 Saíra, inhambu  
 Foge asa - branca  
 Vai, patativa  
 Tordo, tuju, tuim  
 Xô, tié-sangue  
 Xô, tié-fogo  
 Xô, rouxinol sem fim  
 Some, coleiro  
 Anda, trigueiro  
 Te esconde colibri  
 Voa, macuco  
 Voa, viúva  
 Utiariti  
 Bico calado  
 Toma cuidado  
 Que o homem vem aí  
 O homem vem aí  
 O homem vem aí  
 Ei, quero-quero  
 Oi, tico-tico  
 Anum, pardal, chapim  
 Xô, cotovia  
 Xô, ave-fria  
 Xô, pescador-martim  
 Some, rolinha  
 Anda, andorinha  
 Te esconde, bem-te-vi*

*Voa, bicudo  
 Voa, sanhaço  
 Vai, juriti  
 Bico calado  
 Muito cuidado  
 Que o homem vem aí  
 O homem vem aí  
 O homem vem aí.*

*Chico Buarque*

A primeira aula foi um momento de encantamento e sensibilidade ao ouvir a história da vida da minha avó Maria e apreciar imagens. O perfume de flor de jabuticaba aromatizando a sala para criar um clima propício ‘de contar história’.

E os alunos também trouxeram suas memórias, que iam sendo narradas a cada imagem reconhecida. Foi um momento de delicadeza e sabedoria, para o qual estava programado que os alunos se organizariam em círculo, mas a estrutura da sala não comportou a turma e mantivemos a ordenação por filas de mesas e cadeiras, o que era habitual.

A ação de bordar, percebi, era algo bem relevante dentro do ambiente escolar, tanto na preparação do local quanto no momento proporcionado de agitação, seguindo de calma e concentração no passar a linha pela agulha, introduzindo no tecido e dando forma ao bordado: o entusiasmo dos alunos em realizar pelas próprias mãos, foi algo que beirou o desvario.

Vale lembrar que a pesquisa foi fruto do acreditar que havia possibilidades do bordado em sala de aula, como expressão e identidade do aluno, possibilitando o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional significativo para suas vidas.

O entusiasmo e a motivação para a pesquisa, que teve como ponto de partida uma oficina de fazer artístico ‘Bordando Histórias e Desenhos do Cotidiano’, que teve início no ano de 2022, na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, em Alto Araguaia, Estado do Mato Grosso, com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, Segunda Fase.

As aulas eram semanais, e nelas eram discutidas questões sobre a relação de gênero, estética, o que é arte, artesanato, artistas contemporâneos que utilizam o bordado em suas poéticas, e o bordado como artesanato que minha avó Maria produzia para algumas pessoas da comunidade. A partir da história de minha avó e esse bate – papo animado, todos aprenderam a bordar o ponto atrás (bordado livre).

A intenção para a dissertação, então, era começar e terminar todo o projeto na escola de Mineiros, Estado de Goiás, que tem uma estrutura melhor e possui ateliê. Contudo, devido às mudanças na organização do sistema, foi necessário recomeçar o projeto por três vezes. Mas a construção reflexiva da poética permaneceu, sendo a narrativa da experiência de ensino em artes visuais com bordado, em sala de aula, como referência de expressão estética do cotidiano, das histórias e dos desenhos vivenciados pelos alunos, e a construção da identidade.

#### **5.4 Primeiros Alinhavos: Concepção Metodológica**

Um ponto, outro ponto e muitos alinhavos: cores iriam dando formas a história da minha avó Maria, desenhos surgiam nos grandes panos brancos, e ali ia bordando a escrita da vida, das flores e galhos se tratava de um diálogo quase interminável.

É importante iniciar os diálogos destacando que as informações, as reflexões e os saberes que estão nas metodologias pensadas no decorrer deste estudo das memórias e alinhavos.

Apresento os pontos básicos dos pensadores teórico, os procedimentos metodológicos e as estratégias de coleta de dados utilizadas para conhecer as possibilidades do bordado no ensino de artes visuais com os alunos do sexto ano do ensino fundamental, segunda fase, seguindo estas etapas: pesquisa e história da minha avó Maria e a poética na vida dela; pesquisa exploratória na rede de computadores e para conhecer artistas contemporâneos que se apropriaram da linguagem do bordado; pesquisa-ação com uma oficina de bordado com alunos do sexto ano da rede estadual do Mato Grosso, na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, alinhavando as experiências que trago das lembranças da minha infância e a prática da docência; preparação do plano de ensino para a pesquisa-ação.

A experiência vivida junto a escola ou um espaço de ensino formal ou informal que rege um processo educativo é ideal para pesquisa. Nessa razão, este estudo sobre as possibilidades do bordado na arte foi realizado, por meio de uma pesquisa-ação, na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, no ano de 2022, em Alto Araguaia -MT.

Foram realizadas oficinas de bordado, com alunos do sexto ano do ensino fundamental segunda fase, o critério para participar era está matriculado naquela

serie, pois as oficinas foram ministradas no momento da aula de arte. As oficinas foram planejadas para alcançar os seguintes objetivos: refletir sobre a estética do bordado; levar o aluno a pensar sobre sua identidade cultural; investigar a linguagem do bordado e suas relações com a poética contemporânea.

O estudo de caso nas investigações em educação, tem como característica fundamental a busca do conhecimento partindo da realidade vivida pelos sujeitos, onde o ambiente é natural e contato com a situação que está sendo investigada diretamente.

## 6 O BORDADO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Muitos artistas contemporâneos abordam e utilizam a linguagem do bordado em suas produções, como expressão e suporte da sua arte.

Utilizando a metodologia de netnografia para o levantamento de dados, que permite a investigação de objetos científicos que estão na Internet, num período de muita dedicação foram coletados dados relevantes e atuais nas páginas pessoais e galerias de artes virtuais com trabalhos de artistas.

Procurei os trabalhos com bordados verificando a qualidade estética das produções, o tipo de material utilizado, as inovações e transformações ocorridas na forma de bordar e como esses artistas se apropriaram desses conceitos.

Assim, para apresentação no relato da pesquisa, foram selecionados alguns artistas e as obras pesquisadas, os quais também foram referenciados por Marcia Inês em sua Dissertação:

Nesse sentido, segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2011), é importante dizer que várias expressões – como “netnografia”, “etnografia virtual”, “webnografia” e “ciberantropologia” – passaram a coexistir, a partir dos anos 1990, para tentar embasar as pesquisas realizadas no meio virtual. E isso porque as informações que circulam na internet são muitas vezes alteradas de forma rápida, incapazes de manter a forma por muito tempo. Nesse contexto, circulamos em “mundos líquidos”, conforme escrito por Bauman, no livro *Modernidade Líquida*: “os tempos são líquidos porque tudo muda tão rapidamente. Nada é feito para durar, para ser sólido” (INÊS, 2018, p. 29, grifos da autora).

A pesquisa no mundo virtual é um universo prazeroso capaz de circular em um mundo sem barreiras. Foi uma experiência de análise qualitativa, que mostrou o bordado como um fato marcante, que ultrapassa os limites das barreiras físicas na construção do conhecimento.

Foram várias as descobertas deliciosas de artistas e suas expressões, que detalho um pouco, enquanto me tocam profundamente a alma:

O mais importante do bordado É o avesso É o avesso O mais importante em mim É o que eu não conheço O que eu não conheço O que de mim aparece É o que dentro de mim Deus tece Quando te espero chegar eu me enfeito, eu me enfeito Jogo perfume no ar Enfeito meu pensamento Às vezes quando te encontro Eu mesma não me conheço Descubro novos limites Eu perco o endereço É o segredo do ponto O rendado do tempo É como me foi passado o ensinamento. (VELLOSO E VERCILLO, 2010).

Falar sobre bordar traz a oralidade e o copiar da arte repassada de geração em geração, fatores que envolvem o 'risco'. É ele a base do bordado, nos desenhos e também nas combinações de cores o risco deve ser seguido com agulha e linha, como condutor da arte que vai se expressar no bordado.

Através de visita virtual ao site do grupo Matizes Dumont – Família Dumont de Bordado Tradicional, de Pirapora - MG., é possível conhecer a história e tradição cultural da família para com a arte de bordar. Sávia, Marilu e Ângela declaram:

Iniciamos a vida bordadeira desde criança, pelas mãos de mamãe, e foi bordando peças utilitárias, em finos tecidos de cambraia, linho, prometi, seda, organza ou algodão, é que descobrimos nosso próprio movimento de criar outros bordados, que iam se transformando em telas que ilustram histórias, e hoje chegam em forma de livros para todas as idades. Ilustramos obras de grandes autores brasileiros, como Jorge Amado, Ziraldo, Manoel de Barros, Thiago de Mello, Rubem Alves, Carlos Brandão, Tetê Catalão, e também livros de duas das bordadeiras, Ângela e Sávia (DUMONT, 2011, s/p).

Relatos como esse denotam que a tradição foi sendo repassada ao longo das gerações. A mãe aprendeu com sua mãe o bordado tradicional e os filhos cresceram e desenvolveram as habilidades do bordar. Demóstenes (filho) fez faculdade de artes visuais passando então a criar os desenhos para a família, criando assim o bordado autoral com criatividade e poética. As fotos dos trabalhos dos Dumont estão disponíveis no site. ([www.icadbrasil.org/matizes-dumont](http://www.icadbrasil.org/matizes-dumont)).

São artistas que buscam referências também na cultura popular. Pereyson (2001, p.118-119) acredita que a arte pode ser popular:

[...] não porque tenha sido feita pelo povo, mas porque tem o povo como assunto e ambiente, nascida no povo e para o povo, tem como autor quem soube interpretar a alma popular, recolher seus temas, realizar suas aspirações, precisar seus gostos (PEREYSON, 2001, p.118-119).

Richter (2003, p. 8) afirma que a estética do cotidiano subentende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente, a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e de transformação.

## 6.1 Contemporaneidade Artística

Nesse mundo contemporâneo, numa busca netnográfica, navegando por *sites* e *blogs* de artistas, podemos conhecer e admirar suas produções e processos criativos, na tradição da costura e do bordado.

Empresas e Instituições têm feito mostras pelo Brasil afora, como por exemplo o projeto Caixa Cultural promovido pela Caixa Econômica Federal, que no ano de 2016 promoveu uma grande exposição, com quarenta obras, tendo por tema 'Aquilo que nos Une'. Essa mostra trouxe obras maravilhosas de vinte e seis artistas brasileiros, "de diferentes gerações que lidam de maneiras variadas com o ato de costurar e compõem, nesse campo, conceitos subjetivos e peculiares de tempo, espaço e convívio social" (FUNDAÇÃO SCHIMIDT, 2016).

De acordo com Portella (2016) para alguns artistas que criam através da linha e da agulha, eles produzem imagens, de signos e de linguagem. Esta exposição reflete uma linha de pesquisa estética contemporânea: a junção da arte e da manufatura. São fios que conduzem histórias e narrativas visuais, bordados que constituem estratégias, jogos de dilemas e tragédias, de almas e de fissuras.

Os artistas convertem o desenho em bordado e a costura em fio condutor de ideias. Agulha e linha são os elementos deflagradores de imagens conferindo espessura de sentido ao imaginário.

Exemplo disso é o artista José Lenilson, nome artístico Lenilson, que nasceu em Fortaleza, no ano de 1957 e faleceu em 1993. Ele foi um dos grandes da arte brasileira, sua obra envolve pintura, desenhos, bordados, esculturas, litogravuras e instalações. O artista foi fortemente influenciado pela mãe, que também era bordadeira e, segundo familiares, desde pequeno Lenilson fazia combinações de tecidos e cores, criando um estilo próprio, com uma linguagem diferenciada. ([www.projetoleonilson.com.br/obras\\_em\\_acervo.aspx](http://www.projetoleonilson.com.br/obras_em_acervo.aspx))

Sobre o bordado, em entrevista à Lisette Lagnado, Lenilson relata: "é porque o negócio da mão é o prazer de dar o ponto, de errar, de cortar e de voltar de novo. Se você reparar tem um ponto para as letras [...] um ponto grande e um ponto pequeno" (PERIM, 2012, apud LAGNADO, 1998, p. 86).

Issiya Suhaimi é uma artista de Singapura, nascida no ano de 1986 e formada em fotografia, borda no papel, ilustradora, unindo traços de grafite, aquarela e bordados de linhas e lãs. Com sua técnica de introduzir delicados bordados sobre suas ilustrações, normalmente padrões florais que formam uma espécie de tapete sobre o papel. Sua técnica foi usada na série 'The Loomsin Our Bones', nos detalhes

das roupas femininas, nas golas, gorros e flores nos cabelos, combinando culturas tradicionais e populares, com seus materiais e criando tapeçarias modernas.

O artista Arthur Bispo do Rosário, nascido no ano de 1909 em Japaratuba - SE, foi marinheiro, pugilista, lavador de ônibus, guarda-costas e um também um artista habilidoso. Após um surto psicótico, foi diagnosticado com esquizofrenia paranoica e viveu recluso por cinquenta anos na Colônia Juliano Moreira, no Estado do Rio de Janeiro. Suas criações: brinquedos com folhas de flandres, utilitários e esculturas em madeira, demonstrando seu mundo interno com o uso de sucatas e todo o tipo de material disponível, tais como panos, linhas, lençóis, roupas, criando mantas, fardões, faixas de misses assemblares (mural de madeira com objetos empilhados e fixados), cetros, objetos revestidos com fios e muito bordado. (<https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>).

De acordo com os autores acima citados, a arte do bordado esteve presente em várias de suas obras como mantos fardões e faixas por ele confeccionados onde bordava nomes de pessoas q ele acreditava se salvariam no dia do juízo final. Sua cidade natal, famosa pela tradição no bordado pode ter sido sua inspiração. O Manto da Apresentação é uma das suas maiores obras, trabalhou nela por 30 anos, para ser usada no dia da sua apresentação no reino dos céus, para seu uso no dia do juízo final.

Para confeccionar seu manto, Arthur Bispo do Rosário utilizou um cobertor avermelhado, preenchendo-o com bordados representando objetos variados, acabamento em franjas e também cordas e fitas coloridas caindo por cima. Para os bordados utilizava tecidos como lençóis ou roupas e os fios conseguia desfiando seu uniforme azul de interno. ([www.editoradobrasil.com.br](http://www.editoradobrasil.com.br)).

A artista Lia Menina Barreto nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1959 e é artista plástica que vive e trabalha na cidade de Eldorado do Sul - RS. Bacharel em desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), utiliza em seus trabalhos materiais com espuma, para dar forma a sólidos de aspecto orgânico, brinquedos infantis, obras revestidas com tecido, simulacros de bonecas, animais de brinquedo, costura e bordado, imita o bordado tradicional criando bordados com plásticos e organza de seda pura.

Essa técnica é a sua marca registrada, conforme explicou ao jornal do Comércio de Porto Alegre, no dia 08 de novembro de 2016: “a colocação de objetos de plástico nas tramas da organza de seda pura se dá com a aplicação de calor feito

com o ferro de passar roupas, criando assim o 'bordado fake'. ([www.lia-mennabarreto.blogspot.com](http://www.lia-mennabarreto.blogspot.com)).

Edit Derdyk nasceu em São Paulo no ano de 1955, licenciada em artes plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, é artista plástica, ilustradora e educadora e utiliza a linha em seu processo criativo, em trabalhos gráficos como capa de livros e discos e também publicou dois livros teóricos sobre o desenho infantil. Em 1997, lançou o livro 'Linha de Costurar', com textos poéticos sobre o ato de tecer, coser, costurar e escrever.

Como artista plástica realizou diversas exposições nacionais e internacionais em importantes galerias e museus, além de desenvolver bolsas de criação artística. Seu trabalho gira em torno de linhas de várias formas criando metáforas por meio da costura, linha e do desenho. Suas obras podem ser vistas no endereço eletrônico <https://photosynthesis-arte.blogspot.com.br/2012/12/2016/linha-de-edith-derdyk.html>.

O artista Rodrigo Mogiz, nascido no ano de 1978, em Belo Horizonte - MG, bacharel em pintura e desenho pela Escola de Belas Artes (UFMG), fez diversas exposições nacionais e internacionais. Utilizava a técnica do bordado na construção ou desconstrução de imagens, sobrepondo bordados em camadas lhes atribuindo novos significados. Sobre o bordado, Rodrigo relata:

Desde que adotei o bordado como expressão artística, deslocando-o do artesanato doméstico para criações mais provocativas e aproximando-o das linguagens do desenho e da pintura, recebo inúmeros retornos da conexão que as pessoas fazem com suas memórias maternas. Dessa forma, além das provocações em torno de sexualidade, religião e uma certa agressividade, passei a buscar essas conexões afetivas e assumir o amor como tema central do que faço (MOGIZ, 2016, p. 82).

Para Rodrigo, o desenvolvimento da arte o ajudou no aprimoramento das emoções, redescobrimo o amor como foco da sua expressão, na criação de desenhos, pinturas e bordados, recriando narrativas como questionamentos de temas contemporâneos, como sexo, beleza, corpo, sexualidade e relações afetivas.

O chileno José Romussi, nascido no ano de 1979 em Santiago, vive atualmente na Alemanha, em Berlim e é artista plástico autodidata. Estudou design e paisagismo e produz estampas e colagens com imagens de fotografias antigas, em preto e branco. O artista adiciona as cores como forma de intervenção lúdica às poses artificiais dos modelos, bordando fios coloridos nas fotos. (<http://www.zupi.com.br/josé-ramussi>).

Nascida em Hampshire, a britânica Sophie Standing estudou madeira, metal, cerâmica e têxteis na Liverpool Hope University. Vive e trabalha no Quênia, África, e utiliza a fauna e flora exuberantes como fonte de inspiração, trabalho que une tela e bordado. Cria as obras a partir de fotos dos animais, produz desenhos com grafite e, para a arte final, coloca apliques de desenho e bordado na parte superior das telas, criando aparência de dimensão e profundidade. Para isso, trabalha com tecidos e fios de algodão, criando assim colagens têxteis. (<https://designsbywoods-wordepess.com/2014/09/10/sophie-standing-amazing-embroidery-work/>).

Hans Hamid Rasmussem nasceu em Alger, Argélia, no ano de 1963 e aos sete anos mudou para a Noruega, onde reside atualmente. Estudou na academia de Belas-Artes de Oslo e descreve seu projeto artístico como uma 'homenagem ao híbrido'. Usa o bordado tentando dar forma à experiência de mudanças na linguagem, num trabalho que explora dilemas interculturais e também produz escultura, fotografia e instalações. (<http://www.marinabaek.com/artists/hans-hamid-rasmussen>).

Para Guimarães (2017) “o desenho é fio, é formado por linhas. Por isso, compreendo o bordado como desenho”. Acrescenta que é “a partir da vivência de cada um, para que cada um construa sua própria metodologia. O aluno avança quando escuta o seu próprio contexto social, suas narrativas, seu foco” (GUIMARÃES, 2017, p.1).

## 7 O BORDADO E SUA POETICA

Na galáxia da comunicação e da pesquisa, começo as viagens nas linhas invisíveis cheias de conhecimentos e novas descoberta do bordado. Aqui a linguagem do bordado alimenta, nutre o imaginário com produções que revelam a experiência de diversos artistas oficinairos, que possibilitam a referência nos processos criativos do bordado. A pesquisa netnográfica e a internet permitiram conhecer muitos bordadores e bordadeiras em um mundo de linhas, cores e histórias.

A arte sendo vivenciada ao momento da experimentação inclui a forma de expressão, em um processo híbrido visual de diversos materiais e culturas diferentes, em um diálogo estético de memórias e histórias contadas por linhas, nós, cores e agulhas que se entrelaçam no cotidiano.

A sensibilidade e a poética vão sendo expressadas nas superfícies perfuradas por agulhas, ponto a ponto, que vão revelando a alma do artista, registrando as suas memórias. O ato de bordar e a experiência tradicional da costura vêm ganhando visibilidade. No vídeo História do Bordado, da professora Silva Prado, do Ateliê Fivoatelier, há o relato da contextualização bordado. Não se sabe a data exata que marca o início da prática de bordar, mas a relação entre linha e agulha começa lá na pré-história, com a costura sendo utilizada para promover vestimentas de proteção, as agulhas eram feitas com ossos de animais e as linhas de fibras naturais e tripa de animais. No início o bordado era feito para fins utilitários. Na Grécia e no Egito os nobres já tinham as roupas bordadas com fios específicos o bordado decorativo nas vestimentas.

Na idade média o bordado ficou restrito a igreja, bordava santos, túnicas entre outros. Com o renascimento o bordado se desabrocha, eram confeccionados pelos artesãos que bordar as roupas da nobreza da época. Nesse momento o bordado é valorizado com pedras preciosas e muitas modas. E com a revolução industrial tudo vem se a perfeição, linhas, cores, agulhas, qual se consegue observar nos tecidos bordados, pois há relatos de tecidos de 70 metros, com o bordado de uma batalha que houve naquela época na Inglaterra, foi bordada passo a passo, registrando a história e mostrando a importância do bordado. E a chegada das máquinas de bordar, foi uma evolução, portanto tirou o olhar humano que só é visto no bordado a mão que nunca deixou de existir.

São muitos os tipos de bordado: ponto cruz, livre, rococó dentre tantos outros, sempre presentes, em alguma época mais usado, noutras menos, mas sempre presentes na história da humanidade. O bordado em enxovais para casamento, nos enxovais dos bebês, uma prática contínua, passada da avó para a mãe, da mãe para a filha, e assim sucessivamente, revelando o gosto pelo bordado. E hoje em dia percebemos que o bordado é uma tendência, capaz de trazer benefícios para a saúde, de propiciar renda extra, aprendizagem e expressão estética do cotidiano, e de se transformar em negócio lucrativo.

O bordado foi se transformando junto com a evolução humana. O tradicional era geralmente cópia de desenhos, 'riscos', ou seja, o molde que era passado entre as bordadeiras. Por muito tempo como uma tarefa unicamente feminina, tido como passatempo, ocupação subseciva e, ao mesmo tempo, como algo íntimo e poético, pela sua subjetividade, tendo retornado mais forte nas últimas décadas.

O bordado é uma linguagem que nos ajuda a entender o nosso lugar. O ouro era tão valioso quanto o ato do trabalho minucioso do bordar, criando uma linguagem universal, expressada em motivos florais e padrões geométricos. O bordado serviu para decorar as bordas das roupas, 'bróder' que surgiu bordado, mas não ficou só nas vestimentas. Era utilizado para immortalizar história, como o tapete de Bain com 70 metros que conta a batalha de rastear. Os bordados foram passando de geração em geração, convertendo em um grande legado minucioso. E houve um tempo em que pensaram que as mãos não eram mais necessárias para bordar e as máquinas engoliam linhas e mais linhas. O bordado volta à lista de afazeres domésticos, como parte de uma lista de qualificação para ser a esposa ideal. E refletia todas as qualidades do ideal feminino, paciência, delicadeza, cuidado e submissão. Mas bordar oferecia um espaço de expressão pessoal, através do qual muitas mulheres deixavam a sua marca nos objetos que as rodeavam, criando assim a sua poética e as suas obras artísticas.

E o mundo moderno trocou as fibras pelo vestir minimalista, retratando o bordado como sinônimo de passado. Depois de décadas de avanços tecnológicos, quando se tornou possível reproduzir todo tipo de objetos, criar algo com as mãos foi até considerado como um ato de rebeldia. O ato de bordar traz um sentimento de criação, de autenticidade, único, e apesar dos padrões adaptados à estética do momento, a técnica continua sendo a mesma que escreveu séculos de histórias.

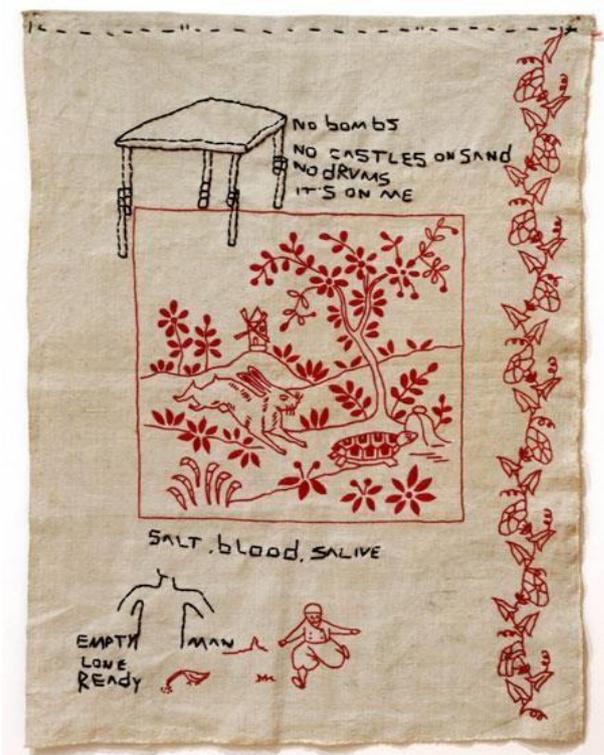
O artista com o olhar poético e expressão sensível dos acontecimentos diários, prossegue nas misturas de linhas e alinhavos nas conexões criativas das suas obras. A seguir, apresento alguns desses artistas bordadores que, numa mistura de materiais ressignificam objetos, sentimentos em um processo de criação, trazendo suas culturais, suas memórias afetivas, bordando histórias de vida, identidade.

## 7.1 Artistas do Bordado

### 7.1.1 Leonilson

José Leonilson Bezerra Dias, nasceu em Fortaleza (1957- 1993), conhecido no meio artístico como Leonilson, foi um dos grandes artistas da história da arte brasileira. Sua obra é formada por pinturas, desenhos, bordados, esculturas, litogravuras e instalações. Filho de costureira e bordadeira, teve na mãe sua grande inspiração, e sua obra conta muito sobre o autor e suas ralações, como uma autobiografia. Suas obras já foram expostas em grandes museus e galerias brasileiras e em outros países também.

Leonilson desenhava com os fios, sempre teve convivido com os panos, linhas e agulhas na casa materna, e a herança cultural nordestina explica o percurso artístico de bordar. Desde criança, ele brincava entre os tecidos e as cores inspirando uma linguagem



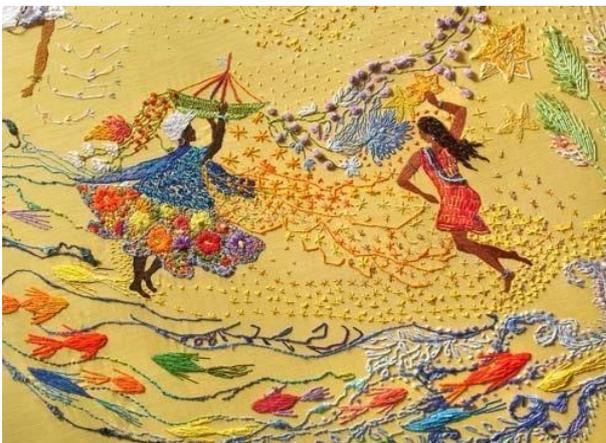
Figuras 1 e 2 – Na sequência, da esquerda para a direita: “Empty Man’ – 1991, bordado sobre linho, 54cm X 39cm; ‘Los Delícias’ (detalhes da instalação na Capela do Morumbi – 1993.  
 Fonte: <https://bordadologia.files.wordpress.com/2014/10/leonilson-bordadp-empty-man-bordadologia.jpg>.

Seu trabalho pode ser visto como uma espécie de tradição artesanal não erudita e que, ao mesmo tempo, insere o artista na arte contemporânea De acordo com o boletim Arte na Escola (2017)

### 7.1.2 Matizes Dumont

É com prazer que escrevo sobre esse maravilhoso grupo de bordadores: Matizes Dumont, grupo formado por uma família da cidade mineira de Pirapora. O bordado faz parte da história da família Dumont há três gerações, provocou uma revolução no universo do bordado. Dona Antônia, a matriarca, aprendeu o ofício com a mãe, ainda menina, e influenciou cinco de seus oito filhos nessa arte, adotada por eles como profissão. O trabalho é feito em conjunto e Demóstenes, formado em artes plásticas, cria os desenhos e as meninas ficam responsáveis em passar os traços para o tecido, que serão coloridos com linhas e agulhas, as imagens contando belas histórias.

O Matizes Dumont dedica tempo para criações do mais alto nível artesanal, com técnicas que somam para a pesquisa, com muita sensibilidade e criatividade, expressando o modo de ser de Minas Gerais. O artesanato tornou-se raridade nesse mundo industrial e tecnológico onde o imediatismo que rege as condutas do dia a dia, com objetos fabricados em larga escala.





Fonte: <https://casa.abril.com.br/moveis-acessorios/familia-dumont-a-tradicao-une-tres-geracoes-em-torno-de-tramas-e-bordados> , em janeiro de 2023.

Há, principalmente, o conhecimento e a experiência de nossas mães, avós, tias, que deve ser praticado para não cair no esquecimento, ser reinventado. É gratificante, compensador o mundo feito pelas mãos. Para a família Matizes Dumont o bordado é uma linguagem artesanal que se tornou uma arte que atingiu outras esferas de interesse e que expressam um modo de ser brasileiro.

### 7.1.3 Rick Rodrigues

Nascido no Espírito Santo, no município João Neiva, no ano de 1988, é morador do Bairro Rubixá, onde também instalou seu ateliê. Rick é bacharel em Artes Plásticas e mestre em História, Teoria e Crítica da Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Seus desenhos revelam as memórias da infância, as brincadeiras de quintal, a casa dos avós, sonhos, desejos, fragilidades. Usa o bordado sobre os mais diversos suportes, miniaturas e objetos, sendo que sua costura dá grandeza às peças, revelando a beleza do que antes era considerado totalmente inútil ou de pouca utilidade, valorizando-as: “Minhas obras levam as pessoas ao encontro das suas memórias mais perfumadas e quentinhas, memórias de quando com cinco ou seis pauzinhos construíamos nossa casinha; mais alguns tracinhos uma cerquinha e, com o colorido do lápis, floria-se o jardim no papel”, explica Rick Rodrigues.

As abordagens passam pelas memórias afetivas de sua infância, a casa onírica e o gênero. Seu trabalho é composto por costuras minuciosas em tecidos de algodão, papel e objetos comuns, como peneiras. A relação com a poesia de Manoel de Barros

é evidente no uso do âmbito complementar entre a ternura, a loucura e as memórias reprimidas. O relevo, os cursos das águas, montanhas e pontos nascentes do município de João Neiva, têm sido temas recorrentes em suas produções artísticas, como a obra Monte Negro (2018), bordado, como pintura, feito à mão sobre uma tríade de peneiras de cozinha. Rick tem muitas outras obras que retratam as montanhas da cidade, bordados do mapa, nascentes e rios. Também utiliza pedras dos rios que correm no município para compor suas pequenas instalações. É quase impossível não se encantar pela doçura nas ilusões da vida adulta.



FONTE: <https://www.joaoneiva.es.gov.br/noticia/ler/2287/conheca-a-historia-do-artista-plastico-rick-rodrigues->

Rick Rodrigues transforma a cidade de João Neiva num museu a céu aberto. Em sua nova exposição 'Permitir o Afeto' há a integração no projeto de instalações bordadas em grandes placas de acrílico, trabalhos que resultaram de oficinas realizadas em escolas e projetos sociais do município. É uma obra interativa, na qual os espectadores poderão criar seus próprios bordados. O programa de atividades educativas inclui rodas de conversa com o artista, oficinas de desenho e bordado experimental, e encontros de formação em arte contemporânea para educadores da rede municipal.

O artista torna pública não apenas sua obra, mas também reflexões geradas a partir delas, evocando memórias, afetos e sonhos. "É pela costura com pontos variados e suportes que vão desde tecidos a papelão que me comunico. Acredito que não exista alguém que não tenha uma história ou lembrança com essa técnica. Pode

remeter a um paninho familiar guardado na gaveta ou na memória afetiva, a uma cena de alguém bordando em casa ou na vizinhança, ou o que estamos vestindo agora”, afirma Rick. Para o artista, o bordado é uma das linguagens mais afetuosas.

#### 7.1.4 Rosana Palazyan

A artista carioca sempre teve temas urgentes a tratar em suas obras. Uma parte dos trabalhos é composta por desenhos com bordados que mostram o percurso da avó, a partir de relatos. Quando a obra ‘O Lencinho’ reaparece, na forma de um barquinho de papel que cruza o oceano até aportar no Rio de Janeiro, com passagem pela Grécia, onde conheceu o avô de Rosana, até a vinda de ambos para o Brasil no ano de 1915.

As artes têxteis, e em particular os bordados, parecem ser o caso de objetos naturalmente atrelados ao fazer feminino: “A minha avó sempre quis me ensinar a bordar e eu dizia que não, porque seria uma mulher contemporânea. A imagem da minha avó bordando me marcou”.

No Brasil, desde os anos 1980, verificam-se interessantes propostas de renovação das artes têxteis, notadamente obras como as de Rosana Paulino e Rosana Palazyan merecem atenção pela capacidade de operar subversões dos sentidos tradicionalmente atrelados a tais ‘feituas femininas’. Seus bordados propiciam novas formas de olhar e de pensar, extremamente críticas às hierarquias dos gêneros (artísticos e sociais) que vigoram tanto nas práticas cotidianas, quanto no mundo das artes.





Figura 3: [http://www.rioecultura.com.br/expo/expo\\_resultado2.asp?expo\\_cod=1507](http://www.rioecultura.com.br/expo/expo_resultado2.asp?expo_cod=1507), em junho de 2023.

Obras do Projeto Plantas Daninhas, feito a partir de estudos de textos de livro de agronomia. Segundo a artista “até uma rosa que nasce fora do lugar pode ser daninha, como qualquer outra, qualquer uma pode ser daninha”. Ela faz um paralelo social e indaga “um jardim de daninhas também pode ser belo?”

## 8 PENSAR E BORDAR: AMOR EM LINHAS

Bordar é colocar a alma, poetizar com linhas e cores na afirmação identitária. O desafio foi construir a prática dentro das limitações pedagógicas e físicas na E.E. Arlinda Pessoa Morbeck. Nas pesquisas, com a proposta de investigar questões que circundam o ensino das artes visuais, nasceu a ideia da possibilidade de bordar em sala de aula. Inquietações, sonhos que impulsionam possibilidades, a pesquisa onde se mistura a alegria entre traços, linhas e nós, dentro da reflexão do bordado na construção da identidade dos alunos do sexto ano da segunda fase do Ensino Fundamental, um grande desafio.

A pesquisa-ação foi realizada na Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck que ocorreu inserida no cotidiano da escola, realizadas em sala de aula e também no espaço aberto, em frente às salas. Sem poder utilizar as oficinas extraclasse, em períodos inversos, pois eram alunos da zona rural e que, devido à distância das fazendas, não poderiam participar das oficinas. Foram aulas pensadas em leitura para a compreensão do contexto que vive o artista, leituras de imagens das obras para estimular o olhar para um novo pensar sobre o desenho e o bordado, refletindo acerca de aspectos formais, iconográficos, de identidade, como conhecimento para a fruição, contextualização e produção da própria arte.

Pesquisando e participando do processo de criação eu, como pesquisadora, com cinquenta e três alunos do Ensino Fundamental II, com idades entre dez e catorze anos, durante quinze aulas com duração de uma hora, na prática.

Sou professora de arte formada em Arte - Educação, trabalho na escola Arlinda há um ano, ministro aulas do sexto ano até a terceira série do Ensino Médio, em dois períodos: matutino e vespertino. A cada dia a aula tem um título, embasada na perspectiva de Ana Mae Barbosa; a primeira aula teve o título A Vida Bordada em Histórias.

As atividades desenvolvidas para a realização da pesquisa fizeram parte de uma proposta de contação de história e visualização de bordado para afirmar a identificação e a identidade, na perspectiva da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, partindo do cotidiano dos alunos ao usar o bordado como referência para o ensino das Artes Visuais.

Na vivência e experiência como professora, aprendi que o trabalho pedagógico, para atingir seus objetivos, precisa ser planejado e replanejado, com um olhar mais doce e peculiar. As aulas foram planejadas de acordo com a BNCC e, para o conteúdo das aulas, selecionei objetivos que estão relacionados à proposta de estudo para o sexto ano:

*(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.*

*(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo no espaço.*

*(EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.).*

*(EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.*

*(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).*

*(EF69AR06) Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.*

*(EF69AR07) Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.*

Na organização e planejamento do fazer pedagógico, decidi pela sala de aula no cotidiano, devido ao fato de os alunos residirem na zona rural e a falta de espaço físico na escola, pois acredito que um dos grandes desafios dos professores é fazer um planejamento capaz de atender às necessidades peculiares de cada realidade, para que o aprendizado chegue a todos de forma harmoniosa.

Este momento da análise de ‘como fazer’, ‘o que fazer’ e o ‘por que fazer’, e pensar numa dimensão político-social que é inerente à prática do professor, que tem o papel de ser um articulador desses fatores no processo educativo (CANDAU, 1983). E que necessita muitas vezes precisa repensar o processo e até o espaço físico que a sala de aula oferece, o espaço para organizar os alunos em um círculo ou meia roda, pois a sala de aula não tem o espaço necessário para a dinâmica, por exemplo.

As aulas são parte de um planejamento didático com sequências continuadas de um mesmo tema, compreendem um conjunto de atividades, estratégias e intervenções, planejadas dia após dia pelo professor, para que o aprendizado do conteúdo proposto seja alcançado pelos alunos.

Quando iniciei as atividades da pesquisa-ação na escola Arquilino, tive a sensação da grandiosidade que seria o projeto de bordar, observei cada espaço, olhei cada criança na sua individualidade, mas que por motivo de mudanças e concurso, finalizei na escola Arlinda, que hoje está em um espaço adaptado e que não possui um espaço apropriado para o intervalo. Tive a percepção e acredito que a arte tem uma função primordial na vida dos seres humanos, pois desde o princípio dos tempos conduz à humanização, tendo sua importância maior no contexto escolar e na sensibilização.

E, para pensar essas aulas, primeiramente questionei-me: como despertar o prazer dos alunos pelo bordado, a partir de seus contextos? A partir da pesquisa do contexto dos alunos e as suas histórias de vida, percebi que as experiências cotidianas e a estética se misturam na vivência, e no mundo contemporâneo vivemos totalmente expostos a imagens.

Neste momento, passo a pensar o ensino de arte e a identidade, procurando entender como os alunos veem o bordado no cotidiano deles, discutindo relações: qual a estética que eles traziam, memórias, enfeites? E o ensino da arte poderia colaborar para estabelecer um vínculo mais estreito entre a escola e as culturas presentes na vida do aluno, com sentido de identidade?

A Vida Bordada em Histórias, tema da primeira aula, foi realizada com objetivo de apresentar de forma lúdica e a proposta de estudo. Primeiramente, falei da história da minha avó Maria, mostrei fotos da fazenda, trouxe um perfume de flor de jabuticabeira, linhas de várias cores, e falei sobre o que ela representava na minha história de vida. Apresentei o bordado como algo muito presente na minha família, e

também as imagens dos bordados da família Dumont para, em seguida, provocá-los para discussões identitárias.

Devido à faixa etária dos alunos, para contextualização histórica do uso da linha e dos fios, preferi partir do lúdico. Busquei, então, A Moça Tecelã, de Marina Colasanti, que trazia junto à história de minha avó Maria, a poesia do tempo das tecelãs e o bordado que esteve bem presente (<https://youtu.be/Ja7otoco4P8>) dentro da estética da imaginação e da memória no fazer e desfazer o imaginário bordado.

Contar histórias é uma arte milenar e favorece novas estratégias para o desenvolvimento da imaginação, para um amplo universo do aluno. Foi um bom recurso para prender a atenção dos alunos e favorecer a concentração no processo de formação de leitores no prazer da aprendizagem: cognitivo, psicológico, moral ou social, com grande relevância no desenvolvimento da percepção no aluno.

Contei a história, mostrei imagens, assistimos o vídeo, pois a referência imagética é muito importante para o envolvimento da criança – é a fonte de informação e conhecimento. De acordo com Barbosa (2005) “dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos” (BARBOSA, 2005, p. 16).

Marina Abramović é uma artista de performance que utiliza o corpo como sujeito e ferramenta de expressão. É conhecida pela crítica especializada como ‘A Grande Dama da Arte Performática’: “Arte não é apenas uma outra pintura bonita que combine com o chão da sua sala de jantar. A arte tem que ser perturbadora, a arte tem que fazer uma pergunta, a arte tem que prever o futuro” (ABRAMOVICH, 1997).



Figura 4: Marina Abramović durante performance The Artist is Present, em 2010 no MoMA. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina\\_Abramovi%C4%87](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marina_Abramovi%C4%87), acesso junho de 2023.

Mostrei imagens, falei sobre performance e mostrei alguns trabalhos da artista Marina Abramović, e propus um trabalho no pátio no momento de intervalo, com o título “ouço histórias”, qual o aluno segura um papel com a frase e fica sentado em frente a uma cadeira vazia. Nesse momento há interação entre as turmas e são colhidas novas histórias e a sensibilização do ato de ouvir.



Figura 5: aluna Hillary, 6º ano – março de 2022 - arquivo pessoal.



Figura 6: alunos do 6º ano – arquivo pessoal.

Uma das grandes lembranças da imagem impressa e colorida, me veio à lembrança durante esse processo de pesquisa: calendários que o meu avô colava na parede de tábua da sala de visita, com imagens de bois, cavalos, cachorros, gatos, aves, santos católicos, crianças, bonecas, desenhos e paisagens. Eu ficava ali horas observando cada detalhes daquelas imagens e aguardava ansiosamente a vinda das novas imagens.



Figura 7: Calendários. Fonte: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DzBPPztD/>, acesso em junho 2023.

Percebi que as imagens a que os alunos têm mais acesso são dos meios digitais, e o professor precisa trazer outras que não estão tão facilmente ao seu alcance. A imagem influencia indubitavelmente a criança, pois é na infância que o indivíduo está mais apto a assimilar as informações provenientes de todos os meios. Grande parte das imagens traduzem o mundo visual, e não são exibições inocentes, pois muitas vezes já interpretadas, influenciam as crianças e sua forma de ver o mundo, enfatizando estereótipos sociais, étnicos e de gênero.

Depois da contação de histórias, fiz a mediação com os alunos, busquei formas para que todos contassem suas histórias, o saber ouvir e falar com a brincadeira, 'o passar a fala' para que todos tivessem tempo para se expressarem, e também para que possam aprender a ver e a pensar sobre as mensagens que recebem nos livros,

nos meios digitais, de forma que muitas vezes estão nos dizendo o que é bonito, feio, bom, mau, pobre, rico, criando paradigmas de um 'jeito certo', expressando conceitos e reforçando preconceitos sobre branco, negro, velho, jovem, alegre, triste, certo e errado. Penso que nesse sentido e em muitos outros, a educação tem que provocar debates críticos a respeito das imagens, em virtude do novo tipo de alunos que temos no mundo contemporâneo: completamente imersas no mundo da imagem parada e em movimento, num complexo processo de construção de identidade.

Os processos de interpretação imagética, num ensino contextualizado, fica sendo possível uma educação com enfrentamento e superação das discriminações, criando e reforçando a sua identidade. Então, uma possibilidade de enfrentamento das diferenças no espaço escolar é o diálogo, que pode ser ensinado nas escolas sob o prisma de respeito ao outro, e construção identitária, ensinar a conviver com a diferença por meio do diálogo.

Nas aulas, os alunos ficaram encantados com as histórias e com as imagens apresentadas, a ponto de virar uma certa bagunça, onde todos queriam falar ao mesmo tempo. Falamos sobre as histórias, sobre tias, avós que fazem crochê, que bordam, e comentaram bastante a história 'A Moça Tecelã. Teciam sonhos, que muitas vezes as mulheres ainda ficam refém do gosto dos parceiros e que, muitas vezes, ficam sozinhas. Com relação a isso, os alunos tinham muito a contar, pois vivenciavam essas experiências familiares. Incentivei o trânsito dos diferentes modos de ver e entender a vida, ser visto e ouvido, tentando criar processos identitários. Na narração de fatos, tem-se a possibilidade de reconhecimento da sua realidade e de aproximação com a realidade do outro. Assim, eu passo a ser um articulador de mediações e interações entre os diferentes sujeitos e seus contextos culturais e de identidade.

O desenho é uma das primeiras manifestações das experiências sensoriais da criança, é na organização das ideias que se dá a representação do objeto que faz sentido, criando um campo novo sobre a realidade. Solicitei aos alunos que expressassem por meio do desenho uma história, ouvida ou vivenciada por eles, e sugeri que criassem um desenho sobre a história.

O desenho representa o momento do brincar, sendo fator de motivação e de grandes descobertas, que possibilita o aprendizado. É uma forma de comunicação com o mundo que nos cerca, permitindo expressar sentimentos, pensamentos, criatividade e desejos.

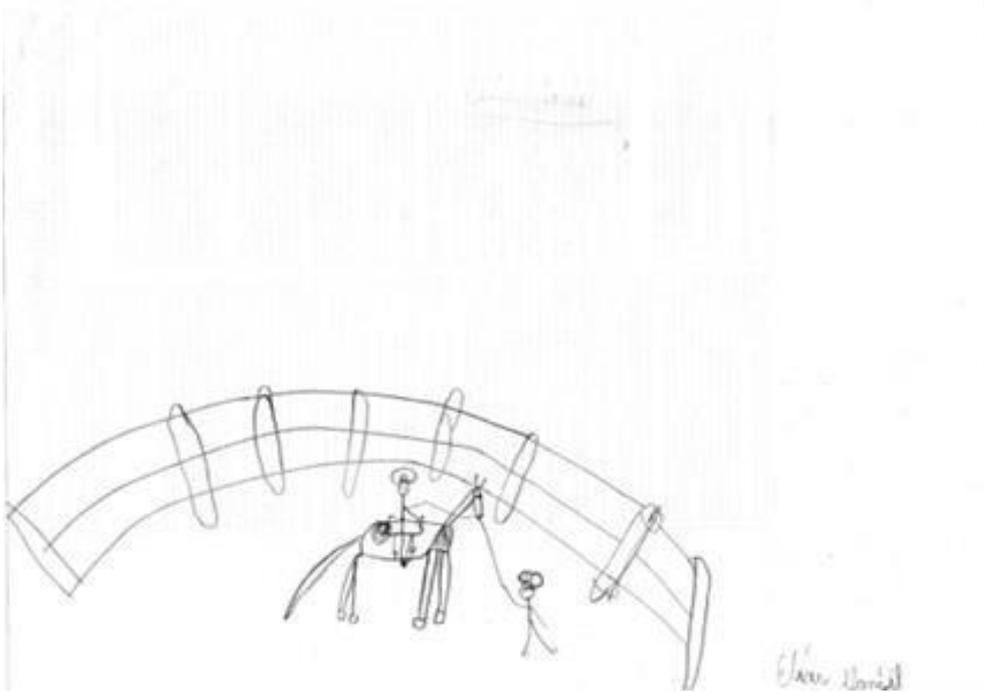


Figura 8: desenhos dos alunos Elias e Régis, 6º ano – 2023 – arquivo pessoal.

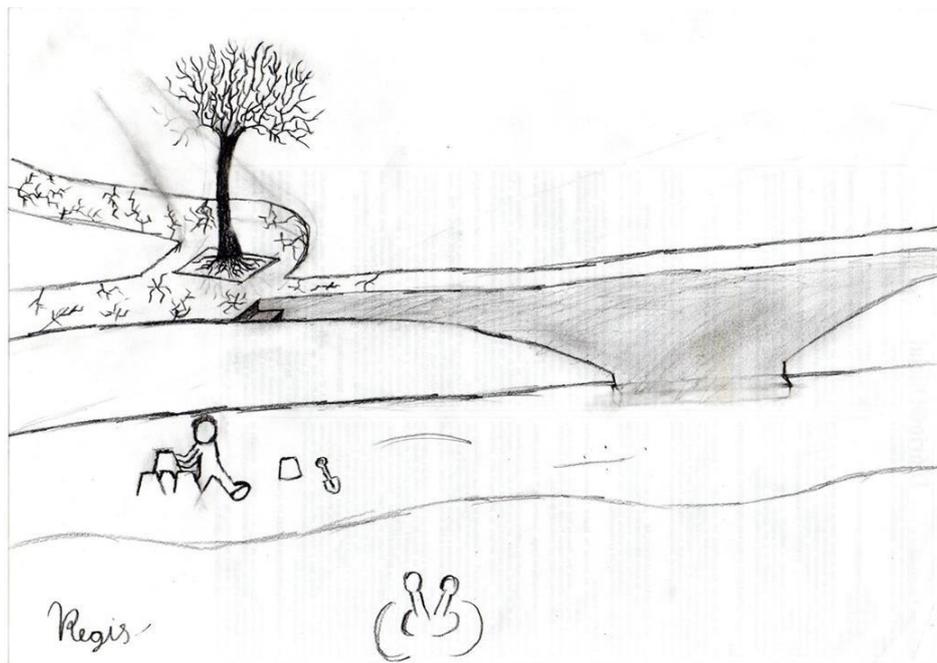


Figura 9: arquivo pessoal

Ao analisar os desenhos produzidos pelos alunos, pode-se notar uma boa quantidade de detalhes, o que demonstra a consciência que eles têm das coisas que perceberam, ou seja, as representações feitas por meio do desenho relacionam-se com oportunidades do pensar sobre histórias vivenciadas e interações sociais que formam identidade.

Necessário ressaltar que as ideias, o repertório, o imaginário e os símbolos não são evidentes para os alunos, nem são construídos espontaneamente por meio da livre expressão, mas precisam ser estimulados e valorizados pela escola.

No decorrer da pesquisa-ação, percebi o quanto os alunos constroem um repertório e um imaginário, levando à compreensão da própria identidade, uma vez que expressaram em seus desenhos os momentos do cotidiano: o bordar com as cores para o dia e as cores para a noite, dentro de uma poesia de encantamento com a obra *A Moça Tecelã*.

No desenho do aluno Regis, estão representadas as discussões feitas após a história: passeios pelo campo, a observação das aves, o cachorro nadando no córrego, o detalhe da árvore com flores no chão e ele brincando na areia. A representação de um quintal imaginário, ou não, cheio de significados e signos dentro do que o aluno construiu com seu olhar o ambiente no qual está inserido. Logo após vem o desenho da árvore cortada, gerando um desconforto, que até parecia distante do local que brincava, mas com um significado grandioso em seu mundo identitário da natureza.



Figura 10: aluno Regis Matheus, 2022 – arquivo pessoal.

Ao propor uma atividade em que situações da vida cotidiana são discutidas em sala, geram-se sentidos; as palavras do outro produzem reflexão, de sentidos identitários, concordâncias e conflitos. E é nessa complexidade de diálogos que emergem novos significados, o papel do outro se revela como um fator de identidade. Na opinião de Richter (2003, p. 39), “precisamos de um ensino de arte onde as

diferenças culturais sejam vistas como recursos que permitam ao indivíduo desenvolver seu próprio potencial humano e criativo, diminuindo o distanciamento existente entre arte e vida”



Figura 11: alunos Lucas e Maria Heloisa bordando - 6º ano – arquivo pessoal

O importante é saber que as identidades estão em constante transformação, por fatores culturais e a escola tem o papel primordial e fundamental nas instruções e escolhas. Nos seguimentos das aulas os objetivos principais foi o de conhecer as experiências, vivências e identidades dos alunos com o bordado. Tendo a educação o processo qual se transmite cultura aos indivíduos, então as diversas culturas. Para Richter (2003), a escola é lugar também privilegiado para a aprendizagem, por meio das tradições, dos ritos, das brincadeiras, do folclore, da religiosidade, entre tantas outras possibilidades.

A arte tem embasamento no diálogo, na construção e desconstrução do encontro de culturas, narrando histórias para compreender a estética e a cultura do local, a sala de aula. Segundo Barbosa (1994) a educação em arte “deve exercer o princípio democrático de acesso à informação de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais dos diferentes grupos” (BARBOSA, 1994, p. 34).

Com o tema da aula Artistas Bordadeiros, solicitei que trouxessem peças bordadas presentes em seu cotidiano. Trouxeram panos de pratos, forros, toalhas, bonés com logomarca, bolsinha de lápis, dentre outros dos seus lares. Ambientei a sala com músicas, aromatizarei e levei chá de erva - doce, que trouxe a memória de

minha avó Maria, e servi acompanhado de bolachas. E tive que reorganizar a sala para que todos pudesse vir à mesa se servir, e observar os bordados que eu trouxe de casa e que alguns alunos trouxeram também. A sala sem espaço provocou um tumulto e nem tive tempo de fazer registros, mas logo após relatei o ocorrido à coordenação.

Dando continuidade à aula, assistimos o vídeo ‘Ôdecasa’ (<https://www.youtube.com/watch?v=sXC4wvzQRY8>) que mostra tecidos bordados e no fundo uma música de bordadeiras. Os alunos falaram com entusiasmo das suas experiências com linhas e agulhas, sobre crochê, principalmente os alunos que frequentam o Centro de Menor Aprendiz do Bolsa Família, se empolgaram em falar das oficinas que participaram, onde tem a de bordado russo. Foi uma aula bem produtiva apesar de pouco espaço.

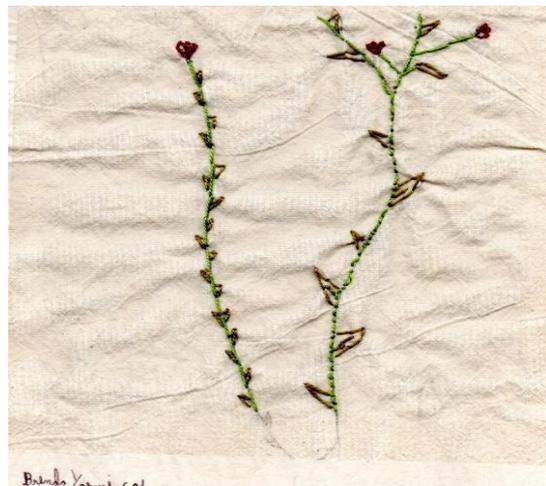


Figura 12: trabalho dos alunos willian e Brenda 2022 – 6º ano - arquivo pessoal

Analisamos os bordados que estavam ali na sala com os que apresentaram no vídeo. Busque a provocação para refletirem sobre as pessoas que bordam a mão, em questão do trabalho, os detalhes, o prazer, a delicadeza e a dedicação e os bordados a máquinas industrial, pela quantidade e a rapidez do mercado capitalista. Falamos, ainda, a produção manual e industrial e suas diferenças e consequências para a sociedade.

Nas últimas décadas, tem-se falado sobre a importância da cultura para a identidade da criança, e um ponto interessante nessa atividade foi o prazer das crianças em estabelecerem conexões entre os bordados que estavam na mesa e o vídeo que compartilhei.

“- Professora, bordar é pintar com linhas e agulhas, é arte. (Maria Heloisa – 6ªA).”



Figura 13 - Maria Heloisa – 6º A 2022 – arquivo pessoal.

Richter (2002, p. 233) enfatiza que, ao “ver a sua cultura valorizada, estudada em detalhes, percebida como parte influente na cultura da humanidade, pode significar o crescimento da autoestima, na formação da própria individualidade”. Ao trazer os bordados familiar para a sala e valorizando o mundo conhecido pelos alunos, gera relações identitárias, favorecendo aqueles que, muitas vezes, são subjugados nos espaços escolares.

Acredito que os professores de arte precisam, então, ficar atentos ao conhecimento prévio dos alunos. É necessário reconhecer o saber do aluno para descentrar o poder da sala de aula.

As aulas de arte deveriam possibilitar aos alunos a vivência e a compreensão das técnicas, da criatividade e simbologia, gerando experiências e identidade, tendo em vista que a criança constrói sua identidade por meio de informações, experiências e interações. Devemos pensar em uma educação que fala da vida dos alunos, e contribuir com a cultura social no mundo em que estão inseridos.

De acordo com Medeiros (2008, p. 34):

Identidade significa um conjunto de critérios de definição de um indivíduo e um sentimento interno composto de diferentes sensações, tais como sentimento de unidade, de coerência, de pertencimento, de valor, de autonomia e de confiança. Esses diferentes ingredientes afetivos e cognitivos representam os processos internos através dos quais o psiquismo organiza todas as informações que ele recebe em um todo coerente (MEDEIROS, 2008, p. 34).

Ao trazer suas experiências para a sala de aula, os alunos envolvem propostas e interpretações, estabelecendo relações com as imagens presentes em seu cotidiano, gerando identificações diferenciadas, que resultam na formação de identidade por meio das influências que essas visualidades lhes causam. Isso possibilita a criação de vínculos e conexões que tornam os saberes construídos em aprendizagem significativas, reelaborando suas identidades.

A imagem é a mediadora entre o sujeito e o mundo, estabelecendo relações entre ambos, por ser esse fator que sintetiza a importância de utilizar imagens do cotidiano dos alunos. “A apropriação e transformação das imagens buscam uma ressignificação daquilo que já conhecemos, veiculadas pela mídia, nos vendem ideias, conceitos, comportamentos, ensinam-nos como ser, o que comer, como andar etc.” (BARBOSA, 2003, p.27).

De forma subjetiva, a imagem contribui para a formação da identidade do sujeito, por qual importância de a escola interagir no meio social e cultural em que o sujeito está inserido. O fio da meada é a introdução da aula, na qual falamos sobre linhas e a relação do bordado com os artistas bordadores. Levei várias cores de linhas, agulhas e diversos tipos de tecido. Pedi para que construíssem um desenho a partir daquele material. Deixei-os livres para pensar, experimentar e apresentar o que foi construído. É importante que as aulas de arte levem a pensar, criar, questionar sobre o fazer arte, utilizando técnicas variadas com propostas nas linguagens da arte.

Em seguida, apresentei a biografia e a produção dos artistas Rick Rodrigues e Leonilson. Apresentei através de slides, várias imagens dos trabalhos dos artistas, e falamos sobre o seu processo criativo com a linha, a costura e o bordado, que se desdobra em várias produções artísticas.

A partir de seu imaginário poético Rick Rodrigues traduz em suas produções artísticas sua própria ideia de lar, por vezes parecendo provindas de doces sonhos e outras tantas parecendo chegadas de devaneios perturbadores, onde realidade e mundo onírico se misturam. Diante da produção desse artista o observador reencontra-se com suas memórias de infância e põem em xeque o como e quanto habita em si mesmo (BUCKSDRICKER, 2019, p. 9).

Os alunos exploram linhas, agulhas e tecidos: foram oferecidos a eles linhas de várias cores, pano de algodão cru e caneta para tecidos para explorarem as habilidades e possibilidades dos materiais, sentirem as texturas e criarem formas

livremente, não tiveram orientação para fazer um "jeito certo"; os alunos tiveram a aula livremente para experimentarem, criarem no sentido de produzirem artisticamente, na poética deles. Criaram, formas singulares o que viram e sentiram.

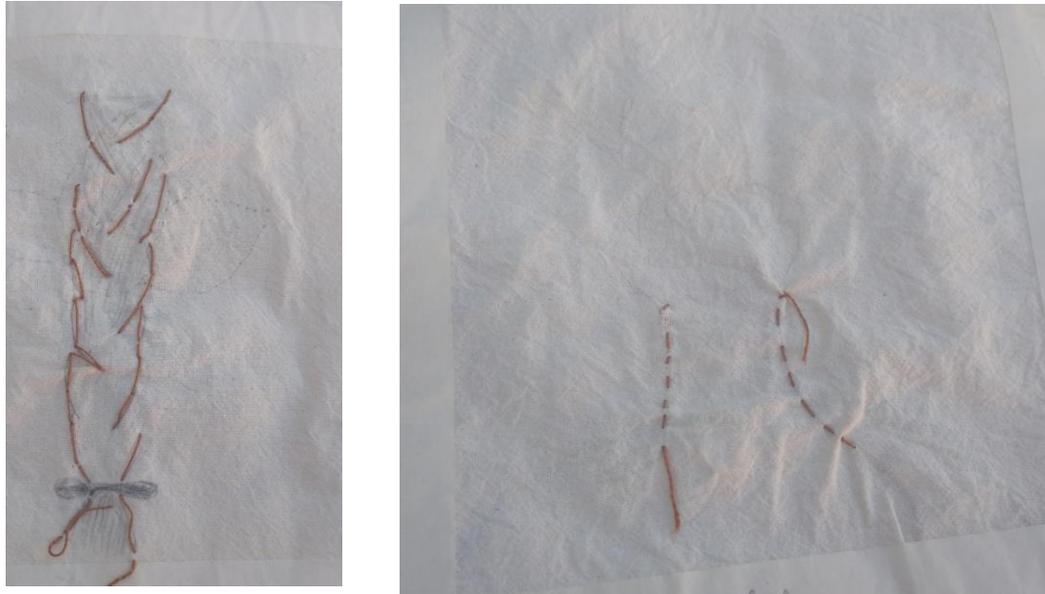


Figura 14: trabalho das aluna Lara e Ana Flavia - 6º A - autoria própria.

A coordenação motora fina é estimulada e precisa ser desenvolvida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois revela a sensibilidade e a noção necessárias para trabalhar com a agulha na questão superfície. E essa mistura de materiais propicia trabalhos com composições coloridas, sem preocupação com a harmonia das cores, tudo misturado, pois, ao diversificar a utilização de diferentes cores e textura no contexto do bordar no ensino de artes visuais, criam-se possibilidades de experimentação, sobretudo quando se oferecem soluções e alternativas com o uso da linha, no ato de desenhar e de compor fora das possibilidades convencionais, levando-os a pensar, criar, recriar e inventar, gerando possibilidades protagonistas, ou seja sujeitos ativos e críticos na sociedade.

Ao observar a ordem estabelecida sobre a linha, no desenho e no bordado, busquei através do diálogo com os alunos sobre arte não focar apenas na pintura e no desenho. Apresentei a eles a ideia de produção artística contemporânea. A euforia e o entusiasmo foram grandes: usaram e abusaram da liberdade de criar. Até roupas foram costuradas juntos ao bordado.

Considero a prática e a experimentação importantes na aprendizagem de arte, por ter o condão de ampliar o conhecimento e disponibilizar possibilidades, além do

lápiz e do papel como suporte para a criação artística. Outras experiências e possibilidades, de desenhar deixaram os alunos livres para criar a poética livre e carregada de memórias, imaginações e sentimentos, tornando -se autônomos das suas histórias e identidades.

Sendo um desvio ao professor do currículo de artes visuais estimular a sensibilidade por meio da experiência estética, oferecendo ou mostrando diferentes formas e materiais. A Arte contemporânea possibilita esse movimento, essa experiência de aula que parte de seus contextos, estabelecendo ligações com a vida dos alunos, tornando os conhecimentos significativos, pois “a arte tornou-se contemporânea falando-nos da nossa vida de todos os dias” (MILLET, 1997, p. 19).

Com as aulas pude perceber as desconstruções e reconstruções no ensino de Artes, partindo das histórias pessoais de cada aluno, das conquistas, dos anseios e do contato com o mundo de forma vivencial, prazerosa e bem significativa. É preciso repensar as metodologias de ensino de Artes que se pautem pelo respeito ao limite, às especificidades e à potencialidade criativa própria, única e ímpar, presentes na riqueza e particularidade da criação do aluno que já traz conhecimentos prévios.

Na aula seguinte, onde o sonho e a imaginação transbordaram, trabalhei com a temática do bordado no encontro entre o tradicional e o contemporâneo. As referências visuais para essa aula foram inspiradas nos artistas Rosana Palazyan e Leonilson. A escolha deles se deu devido ao fato terem ousado experimentar novos materiais e métodos em suas produções, tendo como base o bordado tradicional, mas criando e inventando poéticas com materiais diversos, tais como plantas daninhas e fios de cabelo, inovando no valor estético, na criatividade e na experimentação em arte.

Cada artista foi apresentado individualmente, apresentando suas diferentes formas de bordar, os materiais que utilizaram, a abordagem de pensamentos diferentes, buscando despertar para a observação do interesse da arte em suas diversas perspectivas e a formação identitária.

A proposta foi a produção de uma poética coletiva sobre ‘todos sabem desenhar’, experimentando em tecido de algodão com lápis. Os alunos fizeram produções coletivas e próximas à suas realidades, com observação das produções dos artistas estudados, sendo que os alunos se interessaram bastante pelo trabalho de Rosana Palazyan, artista que aborda diferentes perspectivas de materiais para bordar.



Figura 15: <http://rosanapalazyan.blogspot.com/2015/>, acesso em 1 de julho de 2023.

Rosana Palazyan e José Leonilson tiveram, ao longo de suas vidas, relações estreitas com a costura e com o bordado, que foram transpostas para suas produções artísticas. Fundamental a importância da busca pela estética do cotidiano do aluno em sala com a perspectiva de um ensino de arte na formação da identidade.

A pesquisadora Ivone Richter (2003) considera que a arte no cotidiano é provocativa quando depara com um olhar sobre ensinar arte partindo das experiências estéticas dos alunos, provocando vários desdobramentos com questionamentos sobre o cotidiano, a crítica social e a expressão criativa. As práticas artísticas cotidianas podem levar à arte de artistas contemporâneos que utilizam materiais encontrados no ambiente no qual estão inseridos, o que permite que sejam geradas possibilidades para um olhar estético não excludente.

Os alunos vão se apropriando da linguagem de fazer arte com linhas, misturando a seu modo com materiais alternativos, numa produção que fala retratando sua visão, seu modo de ver e ser, numa relação de afirmação identitária em um diálogo que alterna diferentes modos de vida.

Foi uma aula muito agitada na construção dos desenhos nas comparações das formas que iam compor seus trabalhos. De acordo com Richter (2003, p. 192) “a vida está repleta de tradições culturais que a completam, com a magia do aprender e do

transmitir. Trançar, tramar e dobrar, mágicas descobertas na infância, que se prolongam enfeitando nosso cotidiano pela vida a fora”.



Figura 26: arquivo pessoal -2022.

A arte tem como possibilidade a discussão de valores estéticos que contribuem para a formação da identidade dos alunos, principalmente quando parte das questões do cotidiano, fazendo relações com a vida deles. No desenvolvimento da atividade dos desenhos nos tecidos, dialogamos sobre a beleza e a arte. Vale ressaltar que suas opiniões estão baseadas nos estereótipos de beleza que circulam nos meios de comunicação. Fomos construindo e desconstruindo os valores estéticos em uma possibilidade de educar crianças para conviver na diferença estética, social e cultural, formando a identidade.

Houve diálogo sobre as histórias de cada um, a importância de aceitar e ouvir o outro para tornar possível e necessário o ensino da convivência social. A mediação do professor na construção da ação pedagógica possibilita que surja uma reflexão crítica e formativa, qual é fundamental no ensino, para deixar mais perceptiva a importância da arte para o conhecimento e a interpretação do mundo.



Figura 17: arquivo pessoal -2022.

Tendo o bordado como fio condutor de ideias e histórias dos alunos, no desafio de discutir com eles os trabalhos dos artistas e bordadores estudados, com suas experiências estéticas, assim como os bordados presentes em seus lares e nas obras de arte, que constroem a identidade cultural nas expressões individuais.

### 8.1 Mãos e Leveza no Bordar

Preparei o ambiente, coloquei música de bordadeiras, aromatizado com cheiro de flores de jabuticaba, forrei a mesa com panos bordados e linhas e a 'novidade do dia: o trabalho com as agulhas. Mostrei as imagens das obras dos artistas estudados e um vídeo com o tutorial como bordar o ponto livre. Os objetivos propostos para esse momento foram apreciar e refletir sobre as obras desses artistas e, também, despertar a poética pessoal dos alunos usando a técnica do bordado, das linhas e tecidos.

O objetivo desta oficina foi discutir as possibilidades que existem de bordar e os desafios, desde colocar a linha na agulha até a finalização, dentro de um tempo individual de desenvolvimento e habilidades.

No momento da contextualização das obras dos artistas apresentados, falamos sobre a arte ser produzida a partir do meio que o artista vive, suas identidades. Foi um processo bem gratificante, com a interação dos alunos falando dos espaços e relatando histórias pessoais que foram desenhadas, surgindo assim a construção da identidade e da individualidade, por meio da poética do bordado, respeitando cada escolhas.

O tema da aula “as histórias e as memórias contadas pelas mãos que bordam” foi utilizado com o objetivo de experimentar o bordado, experienciar o brincar com pintura de agulhas e linhas, construindo a poética e a identidades dos alunos. Sugeri que primeiramente fosse visto o vídeo com o trabalho de bordados da família Dumont.

Pedi que observassem as cores, as formas e percebessem a história sendo bordada: cada cor, cada detalhe retratando o gosto e, a cada ponto sendo revelada uma história. Os alunos ficaram encantados e ansiosos para começar a fazer o uso da agulha, alguns com imensa dificuldade em manusear e colocar a linha na agulha. Para facilitar utilizamos a técnica da escova de dente, para facilitar o ato de passar a linha na agulha. Os desenhos já estavam prontos, pois foram feitos em aulas passadas, e nessa aula estavam livres e preparados para o ato de bordar.



Figuras 38 e 19: arquivo pessoal – 2022.



Figura 20: arquivo pessoal – 2022.

Percebi pelo entusiasmo dos alunos o prazer que estavam sentindo na construção do registro das suas histórias de uma forma diferente do habitual lápis sobre papel. Esse fato fez com que os alunos refletissem sobre a imagem que iriam escolher para bordar. Falamos das imagens de desenhos que fizeram e das imagens dos trabalhos artísticos, comparando com as dos meios midiáticos que surgem diariamente nos seus celulares, e o ato de bordar a mão, dentro de uma construção da identidade.

Ressaltamos a influência e a organização da família Dumont, que teve a mãe bordadeira, os irmãos que bordam desenhos criados por eles mesmos, e a minha avó que bordava desenhos tirados de revistas, todos eles registrando sua identidade, construindo e reproduzindo a sua essência bordadeira.

Foi uma oportunidade única de ver os alunos nesse processo prático - artístico de enfrentar o desafio de bordar a própria história, de ser o artista. Ressaltando que as aulas não eram simplesmente um curso ensinando a bordar. Os pontos foram livres seguindo a criatividade do aluno, cada um com a suas habilidades, suas formas, suas histórias poetizando no pedaço de tecido de algodão cru.

Durante a aula falamos de vivências cotidianas criando laços de afeto, sobre a história ser bordada e sobre o próprio eu. A identidade com relação a escolha das cores, a relação da história no âmbito familiar com tias, avós e mães que produzem artesanato, crochê, pintura, bordado, biscuit. Costurando, bordando, avaliando os pontos de cores dos pensamentos, em um olhar presente que gera significados identitários.

A estética da experimentação artística nas aulas de arte, tem contribuído muito para um processo refletivo do cotidiano do aluno. Sendo uma construção de múltiplas identidades, no incentivo de contextualização, da comunicação, da concentração de um ser social e cultural que exprime seus no trabalho manual.

Partindo do cotidiano do aluno, as aulas de Artes possibilitam conexões de interação no reforço da identidade. Tendo o professor vivenciado diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira, sem permitir o acesso do aluno, qual pode ter sido o ensino de arte, carregado de significados e símbolos presente e reflexivos no ensino. Para Richter (2003) é preciso questionar: qual conhecimento o aluno tem em casa? Como o ensino poderá estreitar a comunicação entre a escola e a cultura local que está inserida no espaço escolar?

A importância do conhecimento cultural para identificar o desenvolvimento no âmbito escolar, com a finalidade de reforçar a essência identitária, dentro da percepção e imaginação da realidade da vivência crítica, sendo parte da vivência cultural.

Na sala de aula há uma variedade cultural quem pode estabelecer uma dialética a fim de buscar conhecimentos para a transformação da realidade. Um novo olhar se faz necessário para proporcionar a abertura para as mais distintas manifestações culturais.

Parti da vivência estética do bordado da minha infância junto com a história de vida da minha avó Maria, dando nós e caseando, junto com meus meninos e minhas meninas (forma carinhosa de me direcionar aos meus alunos) para aprender e ensinar Artes através dos fios, das cores e das agulhas, com sentimento e emoção, valorizando cada história e respeitando todas as culturas.

## **8.2 O Último Ponto**

O desejo de realização desta dissertação foi motivado pela história de bordadeira da minha avó Maria, que me trouxe a necessidade de investigar a possibilidade de ter o bordado em sala de aula no ensino de Artes, num diálogo entre teoria e prática. A experiência me trouxe a certeza de que o bordado poderá fazer parte fundamental do currículo educacional. Confesso que a experiência bordante traz emoção em uma poética de ensino prazeroso e encantadora, para criar uma referência com base no cotidiano dos alunos, afirmando e moldando a percepção identitária.

O cotidiano dos alunos traz para o ensino aprendizagem escolar uma pluralidade que pode levar à discussão da valorização no ensino aprendido no contexto identitário.

Sendo o bordado uma linguagem acessível, com a qual é possível criar um planejamento de ensino de Artes Visuais pensando na construção e na afirmação identitária dos alunos, a partir dos bordadores tradicionais e dos artistas contemporâneos, que torna possível entrelaçar diálogos, dentro de uma visão imagética e prazerosa na construção poética.

Nas pesquisas dos artistas que praticam o diálogo com a arte, através dos bordados na estética cotidiana, em uma construção da identidade, percebi que eles vivenciaram as primeiras experiências no berço familiar, geralmente através de mães ou avós.

Tive a maior percepção que a arte é um produto da criatividade meramente humana, com desenvolvimento de técnicas que vem junto com o conhecimento em movimento da arte e da cultura em um estilo pessoal, individual e único, que transmite uma visão do mundo qual está inserido, na fruição para produzir o produto artístico em várias interpretações. Assim, o diálogo com os alunos e as formas de buscar esse conhecimento na comunidade com as experiências vivenciadas, gera uma oportunidade para os alunos construírem e recriarem utilizando uma linguagem artística como melhor ensino aprendizagem em Artes, firmando uma identidade cultural aliada à criticidade social.

## CONCLUSÃO

Integrar o bordado nas aulas de Artes é uma forma de desconstruir alguns paradigmas e forçar um processo evolutivo de ensino aprendizagem das culturas tradicionais, do local onde está inserido. As aulas com as turmas de sexto ano do Ensino Fundamental, segunda fase, foi pensada a partir da minha experiência de criança e refletindo sobre a formação de pensar numa perspectiva reflexiva e crítica, fundamentada em referenciais estéticos e identitários. Percebi o quanto o bordado instiga os alunos, o que me trouxe as memórias da infância. Acredito que se dá pela curiosidade de criar com as mãos, de manusear a agulha, furar o tecido, sentir a textura, olhar as cores das linhas, criar as formas, desafiar a criação dos pontos, o que provoca e evidencia o potencial criativo do aluno.

Posso afirmar que nas aulas com o sexto ano do Ensino Fundamental, segunda fase, da Escola Estadual Arlinda Pessoa Morbeck, os alunos construíram a poética do bordado dentro de uma percepção identitária que interferiu na estética pessoal, fazendo com que percebessem o processo educativo. Mas vale ressaltar que o trabalho teve como embasamento o referencial estético deles, possibilitando vivenciar em sala de aula a arte que parte do conhecimento cotidiano do aluno, que pode ser um dos caminhos para formar elos em diversidades artísticas e discutir o gosto, respeitando, por meio da mediação dialogada pelo professor, gerando aprendizado e sensibilidade artística com respeito ao outro.

O estudo e a observação investigativa vivenciados do processo de ensino e aprendizagem de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, trouxe a construção identitária dos educandos, despertando a percepção para a importância de expressar, contar, memorizar, comunicar e respeitar a individualidade de cada processo estético vivenciado.

O professor do ensino fundamental é essencial nas provocações, quando propõe formas para um olhar minucioso do mundo, deixando espaço para a reflexão sobre o gosto diferente, a individualidade e o respeito no complexo mundo e seu movimento de sentido e pertencimento. Sendo o professor questionado sobre os assuntos e práticas trazidos para a sala de aula, como o ponto ideal para conduzir à percepção e pluralidade da forma de se manifestar culturalmente, utilizando os códigos estéticos do cotidiano cultural. Assim, uma sala de aula é capaz de construir identidades com autonomia, crítica e respeito à diversidade.

A vivência em sala durante as aulas de bordado possibilitou perceber um espaço para a criação de uma educação identitária. Seja na dimensão do campo dos diálogos na dinâmica social, dos que têm o poder da fala e dos que são silenciados. Histórias culturais de resistência, abraçadas por lutas de simbologias e identidades enraizadas, que possam ser demonstradas e defendidas até mesmo através do silêncio.

Esse processo reflexivo conta histórias e experiências pessoais com a poética do bordado. Sendo essa escrita feita com base em minhas vivências, compartilhamento de bordadoras, alunos na criação do cominho de poética do bordado, que despertaram outros anseios e acalmaram, neutralizaram alguns, mas com a convicção de que a educação em Artes ainda é a fórmula transformadora e construtora da vida e da vida do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARBOSA, Ana Clarisse Alencar. **Teorias e práticas do currículo**. Disponível em: <<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=16336>>, ano 2013, acesso em: 15 mai. 2023.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte-Educação no Brasil: Realidade hoje e expectativas Futuras**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/yvtmjR7MGvYKjPDGPgqBv6J/?format=pdf&lang=pt>>, acesso em: 08 mar. 2023.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Redesenhando o Desenho: educadores, política e história**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

\_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. PCN. Secretaria de Educação Fundamental, . Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>, acesso em: 07 mar. 2023.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>>, acesso em: 05 jun. 2023.

BUCKSDRICKER, Luciane Silva. **Memórias de uma mente 157 com lembranças: o imaginário doméstico no trabalho de Rick Rodrigues**. Disponível em: <[link.gale.com/apps/doc/A600552515/AONE?u=anon~69f24d2e&sid=googleScholar&xid=7cb74d27](https://link.gale.com/apps/doc/A600552515/AONE?u=anon~69f24d2e&sid=googleScholar&xid=7cb74d27)> Estúdio , nº. 25, jan.-mar. 2019, págs. 157+. Gale Academic OneFile, acesso em: 20 mai. 2023.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. (1995), Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: Larrosa, J. (Org.). **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Laertes, 1995.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010. – Coleção Todas as Artes: 2010.

DUMONT, Família. **Blog entre mim e você**. Disponível em: <<http://espacodemocraticoentrenos.blogspot.com/2011/05/familia-dumont-linguagem-do-bordado.html>>, acesso em: 02 mai. 2023.

FERREIRA, Isabella Karim Morais. **Bordando histórias, construindo narrativas: um breve relato de estudos sobre a prática do bordado no Brasil** Disponível em:<  
<http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Isabella%20Karim%20Morais%20Ferreira.pdf>>, acesso em: 12 mai. 2023.

FRAGA DA SILVA, S. A., & Costa Oliveira, S. (2019). **Pintando, analisando e bordando isometrias em ponto cruz** . Revista Eletrônica Debates Em Educação Científica E Tecnológica, 4(02), 51-67. Disponível em:<  
<https://doi.org/10.36524/dect.v4i02.76>>., acesso em: 18 jun. 2023.

FUNDAÇÃO SCHIMIDT. **Exposição aquilo que nos une na Caixa Cultural Rio de Janeiro**. Disponível em: <<https://fundacaoschmidt.org.br/exposicao-aquilo-que-nos-une-na-caixa-cultural-rio-de-janeiro/>>, acesso em: 12 mar. 2023.

GUIMARÃES, Leda Maria. **Artesanato: Um Tabu na Academia**. In: Anais do X Encontro Nacional da ANPAP. 1999, São Paulo. Anais. SESC: 1999.

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Livraria Freitas Bastos, 1999.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO. Disponível em:<<https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>>, acesso em: 12 jun. 2023.

NÓVOA, António (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1993.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PERIM, Renata. **Leonilson – Arquivo como obra**. In: Anais do VIII EHA - Encontro de História da Arte. 2012, Campinas. Anais... Campinas: UNICAMP, 2012.

SILVA, Marcia Inês. **A poética do bordado: interculturalidade e identidade no ensino de artes visuais**. Disponível em:<<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23530>>, 2018, acesso em: 13 mar. 2023.

SILVA, Sandra Aparecida Fraga da. OLIVEIRA, Sabrine Costa. **Pintando, analisando e bordando isometrias em ponto cruz**. Disponível em:<<https://ojs.ifes.edu.br/index.php/dect/article/view/76/71>>, acesso em: 06 abr. 2023.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Ivone Mendes Richter. -- Campinas, SP : [s.n.], 2000.

\_\_\_\_\_. **Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino de Artes Visuais**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

VELLOSO E VERCILLO, Jota e Jorge. **O que eu não conheço**. Sony Music, 2010.

## ANEXOS

### ANEXO I – RECADO AOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

Prezados pais ou responsável:



Contamos com sua compreensão e disponibilidade, para cooperar com o trabalho da Escola Est. Arlinda P. Morbeck, em relação ao Currículo do Componente de Artes Visuais com a professora Fábiana Machado /2022 e 2023, venho através deste avisar que o seu (a) filho (a) fará o uso de agulhas nas aulas de Artes. Será necessário que você dialogue com o seu filho(a) sobre os cuidados e manuseio delas para a segurança de todos.

Agradecemos!

GESTÃO 2021/2023.

Prezados pais ou responsável:



Contamos com sua compreensão e disponibilidade para cooperar com o trabalho da Escola Est. Arlinda P. Morbeck em relação ao Currículo do Componente de Artes Visuais com a professora Fábiana Machado /2022 e 2023, venho através deste avisar que o seu (a) filho(a) fará o uso de agulhas nas aulas de Artes. Será necessário que você dialogue com o seu filho (a) sobre os cuidados e manuseio delas para a segurança de todos.

Agradecemos!

GESTÃO 2021/2023.

Prezados pais ou responsável:



Contamos com sua compreensão e disponibilidade para cooperar com o trabalho da Escola Est. Arlinda P. Morbeck, em relação ao Currículo do Componente de Artes Visuais com a professora Fábiana Machado /2022 e 2023, venho através deste avisar que o seu (a) filho(a) fará o uso de agulhas nas aulas de Artes. Será necessário que você dialogue com o seu filho (a), sobre os cuidados e manuseio delas para a segurança de todos.

Agradecemos!

GESTÃO 2021/2023.

Prezados pais ou responsável:



Contamos com sua compreensão e disponibilidade para cooperar com o trabalho da Escola Est. Arlinda P. Morbeck em relação ao Currículo do Componente de Artes Visuais com a professora Fábiana Machado /2022 e 2023, venho através deste avisar que o seu (a) filho(a) fará o uso de agulhas nas aulas de Artes. Será necessário que você dialogue com o seu filho(a) sobre os cuidados e manuseio delas para a segurança de todos.

Agradecemos!

GESTÃO 2021/2023.

## ANEXO II – LIVRETO

### Apresentação

Bordar é uma arte...ainda mais nas mãos da avó Maria.

Algodão em plumas que se transformam em linhas coloridas e são colocadas em finas agulhas que aos poucos cruzam o tecido em um vai e vem, surgindo pontos que aos poucos vão formando desenhos simples aos mais complexos, e assim de geração em geração passam conhecimentos...

Esse material é o primeiro ponto de uma pesquisa do meu mestrado em Artes Visuais ProfArtes - 2021/ 2023, sob a orientação da artista e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberto Maíra Melo.

Pela linha do bordado consegue-se olhar o caminho percorrido e percebe-se os passos dos sonhos que nos aquecem a alma e nos reconectam com a sensibilidade.

Foi permitido trazer histórias memoráveis contadas pelos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental segunda fase, da Escola Estadual Arlindo Pessoa Morbeck, a seguir relatadas.

“O meu pai construiu uma casa bem grande e bonita lá na vila. E quando mudamos para lá, eu e os meus irmãos tivemos um quarto bem grande que eu gosto muito, coloco todos os meus brinquedos e os meus livros. A minha avó me deu uma cama beliche e eu durmo lá em cima, é muito bom, fico lá no alto. Gosto muito da minha casa nova, lá é lindo e bem grande e bonita. A minha mãe vai escolher a cor da nossa casa, quando o meu pai terminar de fazer. Todos os dias à noite vai dois colegas brincar comigo lá na minha casa, a gente brinca de pega-pega, joga uno e um dia a minha mãe deixa a gente ir para a pracinha jogar Free frai, é muito bom, eu gosto muito.”

Willian

“Quando o meu pai levou a gente no cinema lá em Mineiros, eu e a Sofia, para assistir ao filme dos Smorfs, foi muito bom. Eu e a Sofia colocamos música para ouvir e cantar, hora que chegamos o meu pai levou para tomar sorvete e comprar salgados e depois fomos para o cinema.

Quando o filme começou rimos de alegria. O meu coração bateu forte e eu senti vontade de chorar, mas fiquei com vergonha, foi muito bom aquele dia. Ver aqueles

bichinhos azuis que moravam em um lugar muito bonito, lá a casa deles era de cogumelos, bem bonitinha.”

Maria Heloisa e Sofia

“Nas férias eu e o meu irmão fomos para a fazenda da minha avó. Lá banhamos no córrego Boiadeiro, andamos a cavalo, buscamos as vacas e tiramos o leite para a minha avó fazer queijo. Era muito bom, porque depois montávamos nos bezerros, até o dia que o meu irmão machucou a orelha na cerca. A minha avó brigou e não deixou mais.

Eu e a minha avó fizemos um jardim na frente da casa lá na fazenda, para ficar bem bonito. Eu plantei uma rosa com espinhos de flores vermelhas e ela vai ficar linda. Todos os dias eu jogava água na rosa. E um dia a minha avó pediu para eu pega umas bostas de vaca secas e colocar na rosa, que longo ela dava rosas. Senti feliz em ajudar a minha avó fazer o jardim da fazenda, ficou bonito com muitas plantas que buscamos lá na vizinha, D. Maria e seu Jorge, ela serviu um lanche que estava bem gostoso, tinha doce de leite, pão de queijo, rosca e bolacha de milho. Foi muito bom as minhas férias.”

Vinícius

“Quando eu e minha família fomos na praia foi muito bom, lá era muito legal, chegamos à noite. Eu não aguentava mais viajar fiquei muito cansado. Ficamos em um quarto na parte de cima e depois da janta dormimos. No outro dia acordei bem cedo para ver o mar e estava aquele barulho que eu não sabia, lanchamos e fomos, foi maravilhoso só que senti medo, só que fui banhei, foi ruim no começo, o meu olho ardeu porque a água é muito salgada.

Depois fomos andar de barco com muitas pessoas, eu estava super feliz era muito longe e estava bom demais. De repente o barco parou, ficamos lá no meio do mar aí apareceu o rabo de uma baleia, era muito grande e fazia um barulho muito esquisito, depois apareceu outra e ficamos lá olhando e tirando foto. Foi muito bom muito legal o melhor passeio que fiz, foi conhecer o mar. “

Filipe

“Quase todos os domingos, a minha mãe me leva para tomar banho no córrego Boiadeiro. O meu cachorro adora, lá tem uma prainha e uma areia bem branquinha, que eu gosto de brincar.

Bem perto dali havia uma árvore bem grande e cheia de flores que caía as flores em cima da areia e ficava toda rosa. Era muito bom ficar na sombra daquela

árvore bem grande, a minha mãe se sentava e continuava a fazer o tapete de cordão de barbante e eu ficava olhando o meu cachorro tomar banho e logo eu também ia tomar banho, ficava lá um tempão. Brincava com os meus colegas que também vão ao Boiadeiro.

Hoje me sinto triste, porque cortou a árvore grande, que eu gostava de brincar debaixo e que a minha mãe ficava na sombra fazendo o seu tapete. Hoje lá não tem árvores igual àquela que era bem linda de longe via a copa dela, cheia de flores. E a minha mãe não gosta de me levar mais, porque o sol é muito quente e ela disse que fica cansada. Penso por que cortou aquela árvore? Ela era do córrego, e lá não tem casas e não mora ninguém.”

Régis Matheus

“Quando os meus tios e os meus primos chegaram aqui na minha casa à noite, nós fomos à pizzaria foi muito bom, conversamos e tomamos refrigerantes eu comi muitos pedaços de pizza e depois o meu tio pagou sorvete e açaí. Estava uma delícia!

Depois paramos na praça para jogarmos no celular e ficamos até muito à noite.”

(...)

“Eu tenho saudades quando o meu cabelo era bem grande. A minha mãe fez uma promessa para que eu sobrevivesse quando ainda era uma bebezinha. Nunca havia cortado o meu cabelo, estava bem longo e era bem bonito.

Quando estávamos arrumando para fazer uma viagem para a cidade de nome Trindade, minha mãe me levou no salão de beleza. E a mulher fez uma trança bem bonita e cortou o meu cabelo, quase chorei e não gostei. Mas já está crescendo de novo.”

(...)

“Teve um dia que a professora de geografia levou todos nós para a sala de computação. Foi bom. Ela pediu que colocasse o endereço para saber onde fica a casa nossa.

Depois ela pediu para procurar no google umas palavras e colocou para entrar em um site. Foi muito legal a gente via a terra lá de cima. Ela pediu para ver a escola, depois outros lugares no Brasil e depois outros lugares que não era no Brasil. Foi ótima a aula, bem legal, aprendi muito.”

(...)

“Quando eu fui à praia foi muito bom, senti bem feliz. Lá tem muitos pés de coco e eu tomava muita água de coco, que é uma delícia. A minha mãe comprava todos os dias 4 cocos para mim e o meu irmão. Lá era bem bonito, o mar tem a água bem branquinha e a areia também. O vento bate nas folhas dos pés de coco e ficavam bonito.

Quando eu acordava bem cedo a minha mãe levava eu e meu irmão na praia e a gente pegava as conchinhas que estavam na areia. Foi muito bom eu queria que a minha mãe voltasse lá.”

(...)

“Esse aqui sou eu, a forma que sou, moreno e com os cabelos marrom.”

(...)

“Quando eu estudava lá na outra escola, a minha professora me deu um vaso com terra e pediu para todos os dias colocar um pouquinho de água. Um dia nasceu um pé de girassol e ficou bem bonito. Mas, ele morreu.”

(...)

“Na fazenda da minha avó, a casa é bem grande e bonita. Ela tem uma parte azul e branca e a frente é um vermelho escuro. Lá é muito bom, a minha avó me deixa e as minhas primas brincar até ficar de noite. Brincamos de olhar as nuvens, e formar animais, de pega - pega no terreiro e ficamos olhando as montanhas que ficam ali perto. É muito bom lá, nas minhas férias eu vou para a fazenda.

Lá de manhã a gente toma leite com Toddy. No curral o leite que o meu avô tira das vacas é gostoso. A minha avó faz comida no fogão de lenha que fica uma delícia, o ruim é que todos os dias temos que buscar as lenhas e tem a fumaça que dói nos olhos da gente. Eu gosto de ficar na fazenda acho lá muito bom e bonito.”

(...)

### ANEXO III – PLANO DE AULA

#### 1 - Roteiro de aula.

Unid. temática	Obj. de conhecimento	Habilidades	Duração
Artes Visuais	Contextos e práticas  Tema : <i>A vida bordada em histórias!</i>	(EF69AR01) Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Artistas: família Dumonet e história.	<b>1 h</b>
Artes Visuais	Contextos e práticas  Tema: <i>Artistas Bordadeiros.</i>	(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.	<b>1 h</b>
Artes Visuais	Contextos e práticas  Tema: O fio da meada.	(EF69AR03) Analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais (cinema, animações, vídeos etc.), gráficas (capas de livros, ilustrações de textos diversos etc.), cenográficas, coreográficas, musicais etc  <i>Artistas:</i> Leonilson, Rick Rodrigues, Demóstenes Dumont, “Quem conta um conto aumenta um ponto 2” “Grupo Matizes Dumont - Trans-bordando”	<b>2 h</b>
Artes Visuais	Elementos da linguagem  Tema: Que o sonhos das imaginações nos trans borde.	(EF69AR04) Analisar os elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, direção, cor, tom, escala, dimensão, espaço, movimento etc.) na apreciação de diferentes produções artísticas.  Introdução : Arte Contemporânea e a Festa dos Sentidos  <i>Artistas:</i> Rosana Palazyan, Leonilson	<b>1 h</b>
<b>Artes Visuais</b>	Materialidades  Tema: As mãos que bordam ;leveza	(EF69AR05) Experimentar e analisar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia, performance etc.).	5 h
Artes integrada	Contextos e práticas.  Tema : As histórias e as memórias	(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética	

	contadas pelas mãos que bordam .		
--	--	--	--

## ANEXO IV - PLANEJAMENTO



PLANEJAMENTO SEMANAL  
 ESCOLA ESTADUAL ARLINDA PESSOA MORBECK



Professora	Fábيا Machado Oliveira		
Período	05/03/ 2022 a 11/05/2022	Dia da semana	Quarta - feira.
Segmento	Ensino Fundamental II fase		
Componente curricular	Arte		
Tema	A vida bordada em histórias		
Série	6º ano		

Eixos	Objeto	Habilidade	Metodologia
Artes Visuais  AULA 01	Contexto e práticas  <b>Tema:</b> A vida bordada em histórias	<b>(EF69AR01)</b> Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes estéticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.	<p>Abertura – acolhida com música. Aula dialogada</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uso de computador, projetor e caixa de som.</li> <li>• Copos descartável de café.</li> <li>• Alunos sentados em círculos ou em filas.</li> <li>• Perfume: águas de jabuticaba.</li> <li>• Chá: de erva doce e bolachas de polvilho.</li> </ul> <p>Sala organizada em círculo e mãos lavadas e higienizadas. Você sabe o que é bordado? Conhecem alguém que borda? E você já bordou?</p> <p>Vídeos e música</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. <a href="https://youtu.be/NG_ErFvTn04">https://youtu.be/NG_ErFvTn04</a></li> </ol> <p>Costura da vida (Sérgio Pererê)</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>2. <a href="https://youtu.be/sXC4wvzQRY8">https://youtu.be/sXC4wvzQRY8</a></li> </ol> <p>Vamos prepararmos para ouvir, para ouvir melhor precisamos de silêncio. Quem sentir a vontade pode debruçar sobre a mesa. Depois vamos conversar sobre as músicas. E qual o tema principal das músicas? Alguém aqui já teria ouvido essas músicas? O que é bordar? Quem já viu bordar? Lá na sua casa tem alguma pessoa que borda, quem e o que ela borda?</p> <p>ÔDECASAS Curiá (Leandro Cesar/Pererê), voz Mônica Salmaso. Bordado Domitila Bercht</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>3. <a href="https://www.facebook.com/watch/?v=872248013569163">https://www.facebook.com/watch/?v=872248013569163</a></li> </ol> <p>Quais elementos vimos nesses bordados? E a música fala de bordado? Que local era esse? Por que você sabe ?</p> <p>Ô de casa em panos.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. <a href="https://youtu.be/GG_6hYKloWw">https://youtu.be/GG_6hYKloWw</a></li> </ol> <p>Bordado · Rodrigo Maranhão</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>5. <a href="https://youtu.be/HmsqJ_KABbc">https://youtu.be/HmsqJ_KABbc</a></li> </ol> <p>6:33 min O avô e o netinho - História para muitas gerações</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>5. <a href="https://youtu.be/NgwnjiNGoxA">https://youtu.be/NgwnjiNGoxA</a></li> </ol> <p>Eu também tenho uma história da minha avó ! Vou contar para vocês, preparem para ouvir. (SERVIR O CHÁ)</p>

			<p>Choro Bordado - Breno Ruiz</p> <p>6. <a href="https://www.matizesdumont.com/pages/osartistas#bordado">https://www.matizesdumont.com/pages/osartistas#bordado</a></p> <p>História de vidas bordadas - GRUPO MATIZES DUMONT</p> <p>8. História da minha avó Maria, slides / só a fazenda. (pasta escola 2022, 6º ano.)</p> <p>Obs.: os videos tiveram cortes.</p>
--	--	--	--